

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ESCOLA E COMUNIDADE:
A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE VALORES

CARMEN SILVIA MOREIRA

Santos

2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ESCOLA E COMUNIDADE:

A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE VALORES

CARMEN SILVIA MOREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração – Educação e Formação
Linha de Pesquisa I – Educação e Formação Humana: aspectos éticos, políticos e epistêmicos

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Aparecida Ignacio Silva

Santos

2007

COMISSÃO JULGADORA

ESTE TRABALHO CONTOU COM O FINANCIAMENTO DO PROGRAMA:

BOLSA MESTRADO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
LEI Nº. 11.498 DE 15 DE OUTUBRO DE 2003
DECRETOS Nº. 48.298 DE 03 DE DEZEMBRO DE 2003
IMPLANTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA
SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS
ADMINISTRAÇÃO: COMISSÃO REGIONAL
DIRETORIA DE ENSINO DA REGIÃO DE SANTOS - SP

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a meus pais, **Olimpia e Silvio**, que embora tenham partido muito cedo, deixaram semeados em mim, através de seus ensinamentos e, principalmente de seus exemplos, valores importantíssimos como a fé em Deus, o amor ao próximo, a perseverança, a coragem, a honestidade, o respeito e, sobretudo, a ter ética, ensinamentos valiosos, que me levaram a ser a pessoa que sou, hoje.*

*Aos dois maiores presentes que Deus me deu, meus filhos, **Silvio e Fernando**, por terem me mostrado em todos os momentos da minha vida mas, em especial, durante estes dois anos de Mestrado, a confiança e amor que têm por mim e que, jamais, eu deveria desistir dos meus sonhos.*

*À minha irmã, **Ana Maria**, e aos meus dois sobrinhos, **Renata e Wagner**, por estarem sempre a meu lado, ajudando-me a enfrentar todos os desafios.*

*À minha amiga, irmãzinha de coração, **Claudia Coelho Hardagh**, minha maior incentivadora, por demonstrar, através do apoio e da confiança depositados em mim, que eu seria capaz de alcançar mais esta vitória.*

*A **Deus**, por ter me permitido a concretização de mais um sonho, conquista tão importante em minha vida, proporcionando-me, ao mesmo tempo, a felicidade de compartilhar momentos inesquecíveis, junto a pessoas incomparáveis.*

AGRADECIMENTOS

Àqueles amigos que, de perto ou de longe, torceram por mim, entenderam as minhas ausências, esquecimentos, por vezes, a impaciência, o não retorno das ligações e que, apesar de tudo, foram meus grandes incentivadores, acreditando que eu chegaria ao final.

Às minhas companheiras de trabalho, Amélia Jussara e Cristina Tuzzolo Vidaller, pela força que me deram em momentos tão informatizados e complicados, bem como pela paciência e ajuda, quando surgiam idéias *mirabolantes* em minha cabeça.

À Profa.Dra. Maria Amélia Franco Santoro, Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação por entender e atender à minha solicitação, no que diz respeito à Defesa desta Dissertação, minha gratidão.

Às Profas. Dras. Maria Leila Alves e Francisca Eleodora Santos Severino pelas críticas construtivas, pareceres importantes e análises extraordinárias feitas por ocasião do Exame de Qualificação, que foram preciosos para eu chegar ao final.

Aos professores e colegas do Programa, que sempre estiveram unidos nos inúmeros momentos felizes e, em tantos outros angustiantes, mas , com quem pude contar, crescer, repartir, compartilhar e elaborar tantos conhecimentos.

Aos meus alunos, ex-alunos e à moçada, amigos de meus filhos, com quem muito conversei, troquei idéias, aprendi e continuo aprendendo, por toda a meiguice e boa energia transmitidas, bem como pela torcida incondicional; a todos vocês, a minha doce e perene ternura.

Aos professores Lúcia Tamiko e Clineu Parise Filho, aquela a primeira Diretora da EE João Octávio dos Santos e este, o atual, pelas entrevistas concedidas e às pessoas entrevistadas da comunidade do Morro do São Bento e da EE João Octávio dos Santos, bem como aos alunos da 5ª e 6ª séries, que contribuíram para que este trabalho pudesse ser concluído.

Ao Sr. Walter Luiz do N. Lima, presidente da Sociedade de Melhoramentos do Morro do São Bento, pelo material disponibilizado, fotos, recortes de jornais e de revistas, que tanto enriqueceram este trabalho, a minha eterna gratidão.

À minha irmã, Ana Maria e aos meus sobrinhos, Renata e Wagner, por entenderem todas as vezes em que eu dizia: “ Este final de semana não dá..tenho que estudar”.

Aos meus filhos, Silvio e Fernando, pelas inúmeras vezes em que estive ausente, mesmo estando em casa; por todas as vezes em que pude contar com vocês nos momentos de angústia, quando eu começava a fraquejar; por todo o incentivo, força, coragem e até pelo bolo ou a comidinha gostosa que não fora feita, em virtude da falta de tempo; principalmente, por todas as vezes em que me deram colo - a vocês dois - para sempre o meu amor.

A Deus, por mais esta realização.

HOMENAGEM

À Profa. Dra. Sonia Aparecida Ignacio Silva

Minha orientadora predileta,

Ouvi, diversas vezes, em minha casa:

-“As pessoas entram por acaso em nossas vidas, mas não por acaso, elas permanecem”.

Estou certa de que você tinha que ser, verdadeiramente, a minha orientadora. E a você, devo dedicar este trabalho, porque esteve comigo, sempre, sendo rigorosa, sim, como as mães zelosas, quando perguntava: “Que nota você tirou na Disciplina X?”; quando queria ver todos os relatórios remetidos à Cenp e os trabalhos que deveriam ser enviados aos congressos; quando dava as broncas, bastante merecidas, diga-se de passagem, pois só me fizeram crescer - pena, quem não as entendeu, ou interpretou injusta ou equivocadamente - já que, só quem ama de fato faz o que você, tantas vezes fez; amiga, nas trocas de confidências; novamente, mãe, quando um trabalho era aprovado para uma comunicação em um congresso e você se sentia muito orgulhosa; outra vez paciente, quando eu, aflita, dizia: “Sonia, mas não consigo...” E, você, docemente, respondia: “Calma, Kaká, as idéias têm que amadurecer...”; avó, por quem Silvio e Fernando têm carinho extremado e, fato que de todos é sabido, por eles você nutre sentimento especial.

Verdadeira e honesta, nunca agiu de outra forma que não fosse, tão-somente, você. Sem máscaras, sem capas, sem disfarces, sem escudos. Simplesmente, Sonia. Corajosa a ponto de terminar o trabalho comigo, mesmo sem mais fazer parte da equipe, sem tampouco ser remunerada, mas porque teve ética, em função do compromisso assumido. Mulher capaz que, além de ser excelente professora e notável profissional, escolheu ser protagonista de sua história. Não se deixa abater e sabe desfrutar da paisagem, até mesmo quando a vida lhe impõe, de forma rude, os atalhos dos caminhos. Por isso, você venceu, vence e é feliz.

A você, Sossô, de modo especial, dedico este trabalho..., de certa forma, também é seu.

A você, muito obrigada. Um beijo no coração.

A IMPORTÂNCIA DA DEMOCRACIA

Amartya Sen

Na orla do golfo de Bengala, no extremo sul de Bangladesh e Bengala ocidental, na Índia, situa-se o Sunderban - que significa "bela floresta". É ali habitat natural do célebre tigre real de Bengala, um animal magnífico dotado de graça, velocidade, força e uma certa ferocidade. Restam relativamente poucos deles atualmente, mas os tigres sobreviventes estão protegidos por uma lei que proíbe caçá-los. A floresta de Sunderban também é famosa pelo mel ali produzido em grandes aglomerados naturais de colméias. Os habitantes dessa região desesperadamente pobres, penetram na floresta para coletar o mel, que nos mercados urbanos alcança ótimos preços - chegando talvez ao equivalente em rúpias a cinquenta dólares por frasco. Porém, os coletores de mel também precisam escapar dos tigres. Em anos bons, uns cinquenta e tantos coletores de mel são mortos por tigres, mas o número pode ser muito maior quando a situação não é tão boa. Enquanto os tigres são protegidos, nada protege os miseráveis seres humanos que tentam ganhar a vida trabalhando naquela floresta densa, linda - e muito perigosa.

RESUMO

A presente dissertação apresenta resultados de pesquisa que teve por objetivo examinar o processo de construção conjunta de valores, tomando-se por base uma Escola Estadual – localizada no Morro do São Bento, periferia da cidade de Santos – e a comunidade em que a escola está inserida. Buscou-se investigar, do ponto de vista da escola, as relações valorativas estabelecidas através de distintas maneiras e em vários momentos do processo educativo, envolvendo o corpo docente e administrativo, além dos alunos e membro da comunidade local. Pretendeu-se verificar em que medida escola e comunidade vêm interagindo, desde a fase de implantação da escola, até o presente, no que concerne à consideração e transmissão de valores. Essa problemática de investigação surgiu devido ao momento em que vivemos, com um processo educativo beirando o colapso, profissionais em crise e educandos sem perspectiva futura alguma, apesar de inseridos numa sociedade que se diz democrata. Nosso olhar está voltado para os jovens estabelecidos nesse bairro segregado, que, em sua maioria, confrontam a discriminação e um processo educativo que requerem questionamento. Dessa forma, considerou-se imperativo discutir até que ponto se desenvolve um trabalho que privilegia a construção de valores, sua importância para os nossos alunos, para as suas famílias e para a comunidade. Do ponto de vista metodológico, todo o processo de investigação pautou-se pelas orientações da pesquisa qualitativa. Para tanto, foi realizado um estudo de caso instrumental – que teve como foco uma determinada situação que se manifesta numa unidade escolar, exemplarmente. Ou seja, no caso deste estudo o foco não foi a escola em si, mas: se e como vem ocorrendo a construção de valores, através do esforço conjunto escola-comunidade. Os procedimentos de investigação utilizados foram: análise histórico-documental, entrevistas semi-estruturadas, questionário e análise temática de redações, além de observação. Os resultados alcançados nos permitem afirmar que, embora haja a presença de problemas, de limitações circunstanciais, foi constatado o empenho de construção conjunta de valores, por parte da escola e da comunidade.

Palavras-chave: Valores, Escola, Comunidade.

ABSTRACT

The present dissertation shows the results of a research that had as objective examine the process of combined construction of values, taking as a basis a State School – situated in Sao Bento Hill, outskirts of city of Santos – and the community in which the school is inserted. We investigated, from de point of view of the school, the valorized relations established through different ways and in several moments of the educational process, involving the teaching and administrative staff, besides the students and a member from the local community. We intended to verify in what dimension school and community interact, since the phase of implantation of the school, until the present, in what concerns to consideration and transmission of values. This problematic of investigation appeared due to the moment we are living in, with an educational process bordering upon a collapse, professionals in crises and students without any future perspective, despite inserted in a society that is said to be democratic. Our look is come back to the young established in this segregated district, who, in their majority, face discrimination and an educational process that require questioning. Thus, we considered imperative to discuss it up to the point one develops a work that privilege the construction of values, its importance to our students, to their families and to the community. From the point of view of methodology, all the process of investigation ruled in the orientations of qualitative research. An instrumental case study was implemented with the aim of had as focus a determined situation that demonstrates in a school unit, positively. In other words, in the case of this study, the focus was not the school itself, but whether and how a construction of values is occurring - through the combined effort school-community. The procedures of investigation used were historical-documental analysis, semi-structured interviews, questionnaires and thematic composition analysis, as well as observation. The results reached allow us to state that, although there are problems, of circumstantial limitations, the determination of combined construction of values was verified, by school and community.

Key words: Values, School, Community

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAP. 1 – JOÃO OCTÁVIO DOS SANTOS E A HISTÓRIA DE SANTOS/SP: UM EXEMPLO DE RESPEITO AOS VALORES.....	28
CAP. 2 – A COLONIZAÇÃO DO MORRO DO SÃO BENTO E A CRIAÇÃO DA EE JOÃO OCTÁVIO DOS SANTOS.....	43
CAP. 3 – ESCOLA – COMUNIDADE E A CONSTRUÇÃO DE VALORES.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS.....	109

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

Natural da cidade de Santos, estado de São Paulo, fui aluna de uma instituição que valorizava a reprodução do saber escolar, mas, ao mesmo tempo, possuía um forte apelo religioso. Dentro desse meu pequeno mundo, entre 1963 e 1974, havia uma face autoritária: o professor estava sempre certo, era o detentor de todas as informações, e as alunas deveriam, sucessivamente, tão-somente aprender, custasse o que fosse. A obediência era um fator irrefutável.

Estávamos, então, sob a égide da Lei de Diretrizes e Bases 5.692, de 11/08/71, que propunha a profissionalização ao Ensino Médio – naquela época denominado 2º Grau – todavia, o que era mais sério e grave, extirpava do currículo escolar todas as disciplinas que visavam, diretamente, a formação crítico-reflexiva dos alunos. Assim sendo, foram retiradas matérias como filosofia, sociologia entre outras tantas que, enfim, pudessem induzir ponderações, reflexões, questionamentos e, principalmente, a emissão de quaisquer axiomas ou premissas, por certo pouco convenientes à classe dominante.

O objetivo explícito do regime militar era a dominação de nossos corações e mentes; isso se deu, conforme nos alertou Max Weber (1983, p.9), através da dominação exercida na escola, o que determinou, também, a forma e a preponderância da linguagem escolar oficial.

Porém, aprendíamos e apreendíamos: isso é importante ressaltar. E foi desse colégio que fui aluna: uma instituição empenhada em transmitir o saber, com vistas muito mais à razão do que ao sentimento.

Conquanto as escolas estaduais já existissem – e, abra-se um parêntese, propondo excelente nível de ensino, boas possibilidades de aprendizagem, com profissionais competentes e muito preocupados com os alunos – infelizmente, é de cabal ciência o fato de nem todos conseguirem ter ingresso às mesmas. Fica óbvio o elitismo existente naquela época, dentro do ensino, embora a legislação, há um bom tempo, a legislação já propugnasse a democratização do acesso à escola.

Assim sendo, se por um lado havia o cerco da conjuntura da escola tradicionalista e da ditadura militar, de outro eram muitas as preciosidades encasteladas quais verdadeiros tesouros, no bojo de cada família, fossem heranças ou metas, mas tão-só suas. Uma dessas jóias - a preocupação com a formação dos jovens no que tange à função de transmissão e aquisição dos valores éticos e morais - era julgada imperativo familiar, ou seja, estava ancorada dentro da tradição e hierarquia julgadas ideais.

Fomos, muitas vezes, apenas números em classes com mais de cinquenta alunas, num colégio que não era misto. A duras penas, aprendíamos o que nos era imposto, em pleno contexto da ditadura militar. Entretanto, apesar da rigidez e do modelo de escola tradicionalista, por vezes, tínhamos vozes e alguém, ou do corpo docente ou da direção, que nos ouvia. Claro, muito mais, no que diz respeito à parte pedagógica.

Porém, ressalto, aprendíamos e não se pode dizer que tudo fosse ruim, pois, apesar de todo o tradicionalismo, dentro do Colégio em que estudei, fiz parte do Coral Azul, da Comunidade de Jovens, de Grupos de Teatro, participei de Concursos de Poesia, Acampamento Paiol Grande, entre outras muitas atividades. Foi dessa escola que fui aluna: uma instituição empenhada em transmitir o saber escolar, com vistas mais à razão do que ao sentimento. Por outro lado, em minha casa, a premissa era: “professor tem sempre razão”.

No núcleo desse modelo, fui aluna dos antigos cursos primário, ginásial, colegial, prestando vestibular em 1975 e ingressando na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, sendo licenciada e com bacharelado em tradução e interpretação, em três idiomas: Língua Portuguesa e Literaturas, Língua Inglesa e Língua Alemã. No final da década de 1970, já graduada e com os dois diplomas, durante algum tempo exerci atividades fora do magistério, como secretária executiva bilíngüe de grandes empresas, inclusive, uma multinacional. Mas, não era esse o meu encanto. Eu gostava mesmo era de ensinar.

No entanto, a surpresa foi grande ao perceber que aquela estrutura sócio-cultural, ético-política, ideológico-teórica de quando fui aluna, já não mais existia. A adaptação à convivência com os novos valores, trazidos pelo capitalismo, gerou a crise do poder que concentra a riqueza e da ciência e tecnologia de ponta, de contornos arrasadores e sem precedentes. Sobre isso Frigotto (2003, p.96) comenta:

Reafirmam-se pela via do pragmatismo, das visões positivistas e neo-racionalistas e do pós-modernismo, uma visão fragmentária da realidade e uma afirmação patológica da competição e do individualismo. A crise do pensamento comprometido com mudanças profundas na atual (des) ordem é, também, a crise do pensamento utópico e da acuidade da teoria social.

Porém, mesmo assim, quando fiz a opção pelo retorno à atividade docente, tudo o que eu tinha, ainda latente, era aquela *velha* concepção da escola na qual eu estudara.

Apesar disso, por esse tempo, já se sentiam os primeiros ventos resultantes da *moderna* geração que, então, comandava o país, mas que fora criada dentro da escola tradicionalista, cujo enfoque era a transmissão do conhecimento; da mesma forma, passara pelo modelo de escola nova, momento em que se considerou a relação escola-sociedade qual um instrumento de mudança social, para se alcançar uma sociedade democrática. No entanto, na reforma seguinte, à hora de ingressar na escola progressista, na qual a instrução deveria estar diretamente relacionado ao contexto social, econômico e político, tal geração fora barrada pelo despotismo. É certo que desta realidade que nos fora infligida, ou dela ainda não se tinha total conhecimento, ou com ela não houvesse a pretensão de se compactuar.

Papéis trocados, como professora, era a minha vez de ter razão e saber tudo. Quanta ingenuidade...

Aos poucos, cheguei à conclusão de que ninguém é detentor de saber algum absoluto e definitivo.

Em 1990, ingressei no Ensino da Rede Pública Estadual como professora OFA (ocupante de função atividade) e foi lá que assisti, com o passar do tempo, mudanças advindas, conseqüentes do panorama exposto. Um pouco mais tarde, vivenciei o que ainda seria emanado. O militarismo chegara ao fim, mas deixara como herança uma série de conseqüências, já que seu pano de fundo era todo um contexto político de cunho capitalista.

No que diz respeito à educação escolar, vivia-se um momento complicado, porquanto os índices de evasão escolar, repetência e distorção série-idade não estavam de acordo com os aceitos, internacionalmente, e algo deveria ser feito, com a máxima urgência. Governos e organismos internacionais articulavam discursos com ênfase no ensino básico e na relação da educação com o conhecimento, voltada para o novo mundo do trabalho, em função da tecnologia.

Assim, ao lado da crise social e familiar, do ponto de vista educacional os fatos não eram tão simplistas: ocorria uma disputa entre o ajuste dos sistemas educacionais à nova ordem do capital, enquanto no âmbito do acesso ao conhecimento, em todos os níveis, a demanda era por uma real democratização. Via-se, portanto, que muito havia mudado, mas a preocupação com a aquisição do conhecimento, através do desenvolvimento da razão, continuava a ser imperativa.

É dever colocar-se, como premissa maior, a transformação essencial ocorrida: o papel da família na sociedade havia mudado e a própria sociedade se modificara, consoante toda a situação colocada acima. Talvez, os alunos das décadas de 1960 e 70, tão reprimidos, desejassem, naquele momento, um outro futuro para seus filhos.

Independentemente, é do total conhecimento de todos, que transformações não acontecem, dentro do âmbito escolar, sem que encerrem exemplos de posturas dos professores e diretores de escola. Por isso, qualquer mudança deve começar por eles.

Naquele período, todas as ordens partiam de cima para baixo, jamais sendo feito qualquer questionamento a educador algum, com o propósito de se ponderar o

que pensavam, ou, simplesmente, em função de se tomar consciência da situação real, do cotidiano da sala de aula que começava a sinalizar pedidos de socorro.

Preocupado com o assunto, Pedro Goergen (2005, p.4) afirma que:

[...] as crianças e os jovens aprendem, através das diversas instituições como a família, a escola, a constituição, o código penal etc., aquilo que a sociedade considera necessário para a sua sobrevivência. A socialização não se dá mediante atitudes e exigências explícitas, mas também através de “normas” ocultas. Enquanto aquelas são transmitidas por meio de atitudes, gestos, palavras e exigências conscientes e intencionais, estas chegam indiretamente através de formas de comportamento, gestos de aprovação ou reprovação.

A par da problemática existente relacionada às evidentes mudanças, havia uma premissa a ser cumprida e, seguindo as resoluções propostas pelos organismos de financiamento, medidas foram tomadas, alterações feitas; e as ordens continuavam a chegar de cima para baixo. Desnecessário se faz dizer que todo esse contexto surpreendeu os educadores, já que os mesmos receberam as resoluções prontas, sem sequer lhes serem auferidos recursos materiais, organizacionais, nem tampouco capacitação para lidar com as novas práticas impostas, dentre as quais, a progressão continuada, que para os docentes chegava como sinônimo de aprovação automática.

Em meio a esse panorama e sem grandes esclarecimentos, nós, professores da rede estadual, continuamos nosso trabalho. Mas, já se descortinavam dificuldades, visto que alguns dos profissionais envolvidos com os seus alunos, procuravam ou, pelo menos, tentavam fazer o seu melhor, enquanto outros, simplesmente, se acomodavam ao *laissez-faire*...

Persistia a preocupação com o racional, só que, dentro desse novo modelo de sociedade, apesar da necessidade de a socialização e individuação que levavam à construção de valores continuarem sob a égide da família, esta já começava a não mais ter tempo para tal, uma vez que a globalização do capitalismo, gerador do consumismo e do hedonismo, passou a fazer parte do nosso dia-a-dia. Ao que tudo indica, passamos a viver, no cotidiano, a nova crise de paradigmas.

E em meio a toda essa crise, em 1996, durante um processo de remoção de professores, ocorrido em pleno início de agosto, fui obrigada a mudar de sede, uma vez que ainda não era efetiva da rede. Onde havia vagas? Na EE João Octávio dos Santos, no Morro do São Bento, uma escola que, além de ser de periferia, estava localizada num dos morros da cidade, com vários e muitos problemas. A partir daí, descortinei nova realidade, pois comecei a ver que tudo lá era diferente.

E qual a razão de uma coletividade ser tão díspar de todas as outras escolas, por onde eu já passara?

Apesar das dificuldades iniciais e de, a princípio, não ter muita vontade de lá permanecer, percebi, na comunidade, um grupo muito participativo, pronto a ajudar e a apoiar a escola. Minha observação aumentou à medida que eu lá ficava, esvaindo-se a vontade de sair e voltar para as escolas centrais.

Em 1998, ao ser aberto novo concurso para efetivação de professores do Estado, dele participei e fui aprovada. Poderia ter feito escolha por qualquer outra escola que fosse mais central e, quem sabe, até mais próxima de minha residência, mas minha opção foi permanecer ali, naquela escola, diferente de todas as outras, onde estou até hoje.

Durante esses dez anos, tive oportunidade de ministrar aulas nos três diferentes períodos, por diversas razões, processo esse em que fui, cada vez mais, afeiçoando-me aos alunos, aos seus problemas e a todo um universo diferente.

A EE João Octavio dos Santos era conhecida por todos, professores, gestores, alunos e comunidade, todavia pouco se sabia sobre aquele santista que lhe dava o nome. Quando tive a oportunidade de entrar no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação (Mestrado) assumi, como desafio epistemológico, avaliar mais sistematicamente essa escola da qual sou professora e a relação que se constitui entre a instituição e a comunidade onde ela está inserida. Para isso, portanto, resolvi dar início à pesquisa através da biografia de João Octávio dos Santos – santista emérito que dá nome à escola investigada –, procurando enfatizar suas intenções e realizações em prol da educação em Santos/SP, a partir da época em que ele viveu.

CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO: JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Ciente da mudança de paradigmas que afetam todas as esferas de nossa sociedade, como também das insuficiências e problemas do processo educacional, especialmente em nosso país, considerei que o intento de analisar o processo de construção de valores vivenciado no interior de uma instituição educacional, e em suas relações com a comunidade onde está situada, é de fundamental importância.

Assim, tentei cruzar as relações de significação existentes nos dois âmbitos – o da escola e o da comunidade - buscando investigar o valor da escola para a comunidade e o valor da comunidade para a escola.

Desde sua criação pela burguesia moderna, a escola é considerada o lugar de formação do cidadão, por excelência. Dois anos após a promulgação da LDB 9394/96, a proposição dos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), justificada pela necessidade de se adequar a educação ao momento histórico atual, marcado pelas mudanças econômicas e sociais, traz à tona a discussão desse processo de formação para a cidadania e, em seu bojo, a questão dos valores, especialmente dos valores éticos ou morais.

O texto de abertura dos PCNs, publicado como apresentação em todos os livros, em 1998, pelo então ministro da Educação e do Desporto, Prof. Dr. Paulo Renato de Souza, assim expressava os imperativos daquele documento:

[Os PCN] foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (...) Esperamos que sirvam de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo de sua escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento de suas aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e, em especial, que possam contribuir para sua formação e atualização profissional.¹

Dentre os objetivos propostos para os terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries), indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, um se destaca por fazer a abordagem da ética:

(...) que os alunos sejam capazes de:
desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, **ética**,

¹ www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf /acessado a 20/10/2006.

estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.²

Em vista disso, a ética passou a ser inserida nas escolas como um dos Temas Transversais a serem pleiteados pelas várias disciplinas curriculares. Há, no entanto, controvérsias sobre essa proposta de se trabalhar a ética, inserida em qualquer componente curricular. Discute-se, hoje, até mesmo se é possível ensinar a ética, na escola ou fora dela (VALLE, 2001; GOERGEN, 2001). Entretanto, valores e normas são fundamentais à educação das crianças, dos jovens e até de adultos, mas não podem, nem devem ser impostos, mormente na esfera escolar.

Como educadora, e sempre ciente dos acontecimentos na área, porque participava das sucessivas capacitações promovidas pela Secretaria de Educação do Estado (SEE), comecei a reconhecer a necessidade de se repensar a legislação educacional brasileira, carente de um novo olhar para a realidade que se desenhava no cenário nacional, em função da conjuntura internacional. Intelectuais importantes (IANNI, 1995, 2004; ORTIZ, 2003), críticos das políticas neoliberais, da globalização da economia e da mundialização da cultura consideram suas conseqüências, em termos do desemprego em grande escala e da difusão da pobreza, além da crescente pauperização da classe média, notadamente, em nosso país.

Ao que tudo indica, esse processo de globalização/mundialização tem ocasionado, inegavelmente, a disseminação de desigualdades sociais, a separação entre os povos/nações, deixando patenteada a desesperança de soluções mais

² Cf. Temas Transversais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: Ministério Da Educação E Do Desporto Secretaria De Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 7.

adequadas e satisfatórias que atendam às necessidades efetivas das populações mais carentes.

Dessa maneira, o contexto unipolar da “nova ordem mundial” fez, especialmente da década de 1990, um cenário propício ao resgate do neoliberalismo, que deixou de limitar-se ao campo teórico-ideológico e converteu-se na política preferida dos governantes dos países centrais, ricos, especialmente, no que tange ao receituário para os países pobres - chamados “em desenvolvimento”.

Os governos e organismos internacionais articularam discursos com ênfase no ensino básico e na relação da educação com o conhecimento, *voltada para o novo mundo do trabalho*. Os índices de evasão escolar, repetência e distorção série-idade não estavam de acordo com os aceitos internacionalmente, no início dos anos noventas e algo deveria ser feito, com a máxima urgência.

Enfim, a discussão dessas e de outras tantas questões deve ser feita. De certo modo, há até certa urgência em se realizar isso, tendo em vista o agravamento da “falta de ética”, dos desmandos e da corrupção, em muitos dos setores da sociedade brasileira. E, por esse motivo, é importante analisarmos uma escola que tem como preocupação, além da transmissão de conteúdo e do desenvolvimento intelectual de seus alunos, também considerá-los em sua sensibilidade e em seus sentimentos. Por isso, tal a relevância da presente pesquisa, que investigou e questionou a relação valorativa entre uma escola e seu entorno.

O PROCESSO DA PESQUISA: OBJETO, PROBLEMA, OBJETIVOS, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já foi esclarecido no momento de apresentação do tema dessa investigação, o **objeto** de estudo foi a Escola Estadual João Octávio dos Santos e sua proposta de construção de valores, num processo de integração à comunidade em que está inserida.

Sendo assim, a **problemática** desta pesquisa pode ser assim enunciada:

O que faz dessa escola – EE João Octávio dos Santos – uma instituição educacional diferenciada, quando se percebe que ali se consegue manter os valores significativos para a formação do ser humano, dentro da cidade de Santos/SP? Como se estabeleceu e se estabelece a relação de construção de valores entre tal escola e a comunidade em que se situa?

Para se chegar a responder às questões apresentadas acima, foram estabelecidos os seguintes **objetivos**:

- 1) Buscar, na história de Santos e na vida do Patrono da escola (João Octávio dos Santos), elementos que levassem à compreensão da história da escola e da comunidade em que esta se localiza.
- 2) Organizar uma caracterização geral da instituição (EE João Octávio dos Santos).
- 3) Caracterizar a Comunidade do Morro do São Bento.
- 4) Buscar a presença dos valores que foram sendo construídos nesse universo, visando, especialmente, detectar: o valor da escola para a comunidade e o valor da comunidade para a escola.

Especialmente, por se tratar de uma escola que está inserida numa realidade extremamente peculiar – conforme veremos nos capítulos deste trabalho – é de extrema importância investigar quais são as relações valorativas estabelecidas, seja na escola, seja na comunidade, verificando se estas valorações estão integradas e o porquê isso se dá.

Para tanto, a resolução tomada foi partir da investigação histórica de seu patrono, buscando analisar suas expectativas e benemerências, em relação à educação em Santos/SP.

Mas, a partir da apresentação do objeto de estudo, da problemática de investigação e dos objetivos da pesquisa, cabe esclarecer como a investigação aconteceu.

Convém explicitar, de início, que todo o processo de investigação pautou-se pelas orientações da **pesquisa qualitativa**. Pode-se afirmar, ainda, estar sendo realizado um **estudo de caso instrumental** que, segundo Stake (1995, *apud* ANDRÉ, 2005, p.19-20), tem como foco uma determinada situação que se manifesta numa unidade escolar, exemplarmente. Ou seja, no caso do estudo realizado, o foco não é a escola em si, nem mesmo a comunidade em que ela se insere, mas sim, a relação que se estabelece entre escola e comunidade, do ponto de vista da construção conjunta de valores.

Por conseguinte, a pesquisa foi realizada a partir do trabalho com as seguintes fontes:

- **Fonte teórico-bibliográfica**, através da análise de livros, artigos, periódicos para discussão dos conceitos fundamentais, visando à clarificação do objeto de estudo.

- **Fonte virtual**, através da coleta de informações, também, em meio digital, especialmente sobre a história de Santos/SP e do Morro do São Bento.
- **Fonte documental**, através da análise de documentação histórica sobre a cidade de Santos, sobre o patrono da escola investigada e sobre o Morro estudado.
- **Fonte iconográfica**, através de fotos antigas da cidade de Santos e do Morro do São Bento.
- **Fonte empírica**, trabalhada a partir de:
 - **Questionários**³, aplicados a uma Professora da escola (que é membro da comunidade); a uma Funcionária (também membro da comunidade); a um membro da comunidade (Dirigente da Associação Comunitária do Morro do São Bento).
 - **Redações de Alunos**⁴, atividade proposta a setenta e oito (78) alunos da EE João Octávio dos Santos – sendo dezessete (17) alunos da 5ª série E, e sessenta e um (61) alunos das 6ªs séries C e D⁴, cursando as séries referidas neste ano de 2007. A atividade proposta solicitava que os alunos expressassem suas percepções da escola, da relação família/escola, das vivências do adolescente e da ação da escola em sua vida. Procurou-se realizar uma análise temática das

³ Apresentados nos Anexos da Dissertação.

⁴ Os 78 alunos que participaram dessa parte da pesquisa estão cursando as séries referidas neste ano de 2007. A atividade foi proposta e executada entre 13/02 e 28/02/07.

redações, ponderando-se as aproximações e contradições das afirmações feitas.

- **Fonte oral**, através de entrevistas semi-diretivas, com roteiros pré-estruturados, feitas a dois Diretores da EE João Octávio dos Santos - a primeira Diretora e o atual Diretor da Instituição. As entrevistas foram individuais e agendadas previamente. Procurou-se, de início, explicitar aos entrevistados os objetivos do estudo e a importância de seus relatos, para o andamento da pesquisa. As entrevistas foram feitas nos locais propostos pelos entrevistados, gravadas em áudio, transcritas na íntegra e utilizadas a partir do consentimento dos sujeitos. Como se trata de uma pesquisa, que abarca um componente histórico, foi proposto que os nomes dos sujeitos entrevistados fossem revelados, assertiva com que ambos concordaram. A partir das considerações de Silva (2003), a citação dos depoimentos orais será feita em *itálico*, para diferenciá-las das informações coletadas por outros meios. Por fim, convém esclarecer que para organização e efetivação das entrevistas, bem como transcrição e editoração, seguiram-se as coordenadas metodológicas da História Oral (ALBERTI, 1989).

AS PARTES DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação contém, além dessa Introdução (apresentando o percurso de definição do tema de pesquisa e esclarecendo o objeto da pesquisa,

sua problematização, objetivos, procedimentos metodológicos, justificativa e relevância), três capítulos desenvolvidos em torno dos seguintes temas:

Capítulo 1 - João Octávio dos Santos e a história de Santos/SP: um exemplo de respeito aos Valores

Nesse capítulo, apresentam-se a história de João Octávio dos Santos, patrono da escola estudada e suas relações vinculadas à história da cidade em que nasceu e viveu (Santos/SP), debatendo - se suas intenções educacionais.

Capítulo 2 - A colonização do Morro do São Bento e a criação da EE João Octávio dos Santos

No segundo capítulo buscou-se oferecer aspectos característicos da história da colonização do Morro do São Bento, onde está localizada a EE João Octávio dos Santos, discutindo - se as razões de sua fundação e vínculos com a comunidade local.

Capítulo 3 - Escola – Comunidade e a construção de valores

Neste capítulo conclusivo, visou-se à demonstração da discussão sobre os valores construídos, conjuntamente, pela escola e pela comunidade, indicados, já, nos momentos anteriores deste estudo.

Em seguida, finalizando o estudo, serão apresentadas as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e os Anexos (com os roteiros e transcrição integral das entrevistas, questionários e documentos consultados).

Convém esclarecer, ainda, que o trabalho apresentará fotos (antigas e atuais), pretendendo-se que sejam um elemento de enriquecimento das análises feitas e a fazer.

CAPÍTULO 1

JOÃO OCTÁVIO DOS SANTOS E A HISTÓRIA DE SANTOS/SP: UM EXEMPLO DE RESPEITO AOS VALORES

Este primeiro capítulo nos dará a oportunidade de conhecer um pouco da Santos em que viveu João Octávio dos Santos, em meados do século dezenove, e quem foi ele, pessoa de extrema estima para nossa cidade e que já considerava os valores tão importantes.

Geograficamente, o município de Santos está localizado no litoral do Estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil, estendendo-se por uma área de 271,00 km², sendo 39,4 km² na parte insular e 241,5 km² na área continental. Consoante os dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Santos⁵, a cidade faz limite ao Norte com Santo André e Moji das Cruzes; ao Sul, Oceano Atlântico e Ilha de Santo Amaro (Guarujá); a Leste com Bertioga e, a Oeste, Cubatão e São Vicente.

Apresenta clima litorâneo de transição, quente e úmido, tipicamente tropical, registrando temperatura média de 20°, atingindo, por vezes, extremas de 42°e mínimas inferiores a 10°.

A Ilha de São Vicente compreende os atuais municípios de Santos e São Vicente. Quase toda a área desses municípios localiza-se na ilha que possui,

⁵ Através do site <http://www.santos.sp.gov.br/educacao/senute/projetos/historia/>, acesso em 30/10/2006.

também, o Porto de Santos, um dos maiores da América Latina, em termos de volume de cargas.

A cidade é densamente povoada. Segundo informações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ⁶, Santos possui 417.100 habitantes, sendo que desse total, apenas 2.236 residem na área insular, ou seja, 0,15%. A área continental apresenta alta densidade demográfica, com 1.488 hab/km², isto é, 99,47%, segundo dados da Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados)⁷ -, com alto índice de alfabetização da população: 96,6%.

Santos dista, aproximadamente, 72 km da capital do Estado, podendo ser alcançada, diretamente, através das rodovias Anchieta (SP-150) e Imigrantes (SP-160). Outro antigo acesso direto, o Caminho do Mar (SP-148), ou Estrada Velha de Santos (Rodovia dos Caiçaras) foi tombado em 1972, pelo Condephaat - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo⁸ - para a preservação de seus monumentos históricos. Encontra-se, pois, interditada já há tempo ao tráfego de veículos, mas aberta, exclusivamente, para roteiros educacionais e turísticos.

O desenvolvimento da cidade deu-se em função da crescente expansão da economia cafeeira, a partir do final do século XIX, por possuir o maior porto exportador do produto, desenvolvendo, do mesmo modo, desdobramentos no setor terciário com agências bancárias e de câmbio, comércio varejista e transporte. Tal índice foi calculado através do SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de

⁶ Dados do Censo de 2000, <http://www.investsantos.com.br/demografia/sanddemo.htm>, acesso em 16/10/2006.

⁷ Dados fornecidos pela Fundação SEADE - <http://www.seade.gov.br> – acesso em 24/10/2006.

⁸ <http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>, acesso em 24/09/2006.

Dados)⁹, tendo refletido, naquela ocasião, um posicionamento estratégico relevante, estendendo seu círculo de influência e atravessando os limites do Estado de São Paulo, compreendendo, também, parcelas de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná, entre outros.

Atualmente, a cidade de Santos faz parte da Região Metropolitana da Baixada Santista, criada pelo governo do Estado, através da Lei Complementar N.º 815, de 30/07/1996, com a finalidade de promover o desenvolvimento da região. São nove os municípios que a compõem: Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá, Bertioga, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe, compreendendo a uma área de 2.373 km², que corresponde a menos de 1% do território do Estado.

Todas as áreas urbanas desses municípios são limítrofes, fator que acarreta uma forte interdependência entre eles. Cabe registrar, ainda, Santos como o pólo da Região Metropolitana, fornecendo um variado conjunto de serviços para os demais municípios, além de Cubatão, por sua grande concentração industrial.

Como se pode ver, os dados apresentados expressam características e condições de uma cidade globalizada, em constante desenvolvimento, apesar das grandes desigualdades sociais nela existentes. Estas desigualdades se evidenciam nas diferenças entre a *Santos de baixo*, com suas praias e bairros de classe média/alta, e a *Santos de cima*, aquela dos dezessete morros, onde vivem as camadas menos favorecidas da população da cidade (IGNACIO SILVA; MOREIRA, 2007, p. 12).

⁹ Dados de 2000, - <http://www.seade.gov.br>, acesso em 24/10/2006.

Um desses dezessete morros de Santos é o Morro do São Bento, onde se localizam a comunidade e a escola que foram objeto desta pesquisa. Vejamos um pouco sobre como se deu a colonização do morro que estudamos.

Cumprе acrescentar que, para a devida compreensão desse contexto, é necessário conhecer os atores sociais, políticos e econômicos que contemplaram a história de Santos e do Morro do São Bento.

História e Sociedade: transformações culturais e de valores

Santos passou pelas três fases de categorias urbanas. Começou como Povoado de Santos, de 1540 até 1546, aproximadamente, quando foi feita Vila, condição na qual se manteve por quase 300 anos, até 26 de janeiro de 1839, data de sua elevação à categoria de cidade. Suas origens confundem-se com as do Brasil.

A ilha onde hoje estão localizadas as cidades de São Vicente e de Santos, a princípio era conhecida como Guaiaó, nome tupi que significa *separação por força*.

Apesar da oficialização da posse portuguesa em relação ao Brasil, através de Pedro Álvares Cabral, em 1500, os portugueses não tinham interesses imediatos de ampla exploração. O comércio de pau-brasil desenvolvia-se, porém, sem grandes investimentos ou ocupação planejada.

Apesar disso, a Coroa portuguesa precisava continuar assegurando suas terras, sem correr o risco de que os espanhóis resolvessem disputá-las. Para tanto, foi organizada uma expedição em 1502, objetivando fazer o reconhecimento da

região e deixar degredados, desertores e náufragos em nossa costa. A expedição chegou à ilha de Guaiaó no dia 22/01/1502 , quando se comemorava o dia do Santo São Vicente, fato que teria dado origem ao nome da cidade.

Ao chegar à região em 1532, Martim Afonso já encontrou o pequeno povoado estabelecido e outros portugueses, personagens da história, vivendo na ilha: João Ramalho e Antônio Rodrigues. João Ramalho já estava há muito tempo entre os índios, casado com a índia Bartira, filha do grande líder tupiniquim, Tibiriçá.

Martim Afonso trouxe para o local as primeiras mudas de cana-de-açúcar, além de tomar outras três providências, a saber: a construção de uma Igreja, da casa da Câmara, da Cadeia e do Pelourinho.

No centro da ilha, atualmente o sopé do morro da Caneleira, bairro da Vila São Jorge, mandou construir um engenho de cana-de-açúcar. Mais tarde, o local ficou conhecido como Engenho de São Jorge dos Erasmos, na Zona Noroeste de Santos, já que recebera o nome da família holandesa que o adquirira. Os trabalhadores do engenho eram os índios, assim, escravizados pelos europeus.

Não se pode precisar o ano exato do princípio da povoação. O certo é que seu fundador, Brás Cubas, chegou de Portugal em 1532, com Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente. Recebeu dele as terras de Jurubatuba e comprou outras, situadas no Enguaguaçu, hoje Centro da Cidade, onde já existia uma pequena igreja sobre o outeiro de Santa Catarina. Vizinho ao outeiro, Brás Cubas construiu sua casa. Deste modo, muitos habitantes mudaram para a região do Enguaguaçu, dando início à decadência socioeconômica da vila

vicentina. Outro fato que acelerou esse processo de deslocamento foi a inundação da área da vila, em 1541. Vários moradores foram para o crescente povoado, por medo de novas inundações.

Segundo a professora e historiadora Wilma Theresinha de Andrade (1989, p. 23):

A decadência do ciclo do açúcar vicentino provocado pelo açúcar do Nordeste obrigava os moradores da Capitania a procurar outra atividade econômica. A escravidão dos índios, como mão-de-obra na lavoura canavieira, foi uma saída para suas dificuldades.

Em 1765, perto de 60 anos após o primeiro recenseamento, Santos possuía a mesma rede urbana de 280 anos antes, quando contava com 1.625 habitantes, fato que em 1822 já era quase três vezes maior, ou seja, havia 4.781 habitantes. Essa importante expansão urbana, na época da independência, tem como causa o crescimento econômico de Santos, refletido pelo desenvolvimento da Província de São Paulo, ponto nodal de distribuição de produtos e, Santos, como ponto de saída e entrada dos mesmos, além de contato com o exterior. Uma cidade contribuía para o desenvolvimento da outra.

Ao longo dos anos, Santos desempenhou papel relevante na história do país, tendo sido berço dos irmãos Andrada - José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco - todos batalhadores à frente do povo pela independência do Brasil.

Menos de um ano após o falecimento de José Bonifácio, o então deputado Amaral Gurgel, empenhado em homenagear o Patriarca da Independência, ocupou a tribuna da Câmara da Província de São Paulo, na tarde do dia 11 de janeiro de 1839, para apresentar o projeto que elevava a antiga Vila de Santos à categoria superior de cidade.

Nessa época, já havia nascido aquele que daria nome à nossa escola, João Octávio dos Santos. Pouco se tem registrado a propósito de sua história, mas segundo a Monografia escrita por Júlio Conceição, seu testamenteiro, João Octávio dos Santos nasceu na cidade de Santos, Estado de São Paulo, a 8 de março de 1830. Era filho natural de D. Escholastica Rosa, de origem pobre. Seus padrinhos foram Dona Emerenciana Nébias e João Octávio Nébias, quem o fez aprender as primeiras letras, constituindo seu cabedal instrutivo.

Dotado de inteligência privilegiada, bom senso e força de vontade, incomuns, iniciou sua luta pela vida, ainda bem jovem, procurando aprimorar seus conhecimentos, trabalhando, inicialmente, com a escrituração de firmas de vários negociantes. Com as primeiras economias feitas, começou sua carreira no comércio, agenciando a compra e venda de gêneros do país.

Além de progredir, rapidamente, nosso personagem passou a dirigir seus próprios negócios no trato de mercadorias, comprando carregamentos dos iates que aqui aportavam e comercializando-os, até mesmo, com a Argentina, fato que não seria possível, sem que se ressalte, para tanto, a importância do Porto de Santos e sua relação com o comércio do café, que contribuiu para as grandes mostras de crescimento não só de João Octávio, mas em especial da cidade, no final do século XIX. Ademais, logo em seguida, surgiu a ligação ferroviária entre o porto e o planalto, a São Paulo Railway, em 1864 (inaugurada em 1867).

Entretanto, o início do ciclo cafeeiro paulista, tendo Santos como principal porto de exportação da Província, provocou um aumento populacional, sem criar, concomitantemente, uma infra-estrutura adequada, o que causou um colapso na

cidade, a partir de 1850, quando os surtos epidêmicos começaram a dizimar a população, que se encontrava dramaticamente afetada. Em 1889, a epidemia de febre amarela, vitimou 3 de cada 4 habitantes da cidade e a cidade sofria, além disso, com outras doenças: coqueluche, varíola, tétano, peste bubônica, malária, sarampo, tuberculose e a febre tifóide.

Novamente, aqui, o destaque se fez para João Octávio, grande benemérito da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santos, na qual havia ingressado aos 18 anos, tornando-se um de seus irmãos mais devotados, chegando a ser provedor de 1875 a 1878 e de 1883 a 1896, período de muito trabalho, em função dos surtos e epidemias.

Durante mais de 20 anos, ele sempre socorreu a Irmandade, à qual chamava de “sua filha querida” e “a menina dos seus olhos”. Fez, repetidas vezes, nas épocas mais difíceis da instituição, empréstimos em dinheiro, sem juros, e, em 1895, o donativo de 10 ações do Teatro Guarany. Da mesma forma, o primeiro prédio que adquiriu, em 1855, à Rua Santo Antonio nº. 27, legou, como recordação, com mais 80:000\$000, em dinheiro, à Santa Casa, instituição que era seu desvelo e a que denominava – *minha filha*.

João Octávio, muito comedido nos seus gastos, no decurso de seus 44 anos de trabalho, por volta de 1892, havia amealhado bens com a compra de imóveis em vários lugares da cidade, além de ações, uma vez que sempre administrou, cuidadosamente, as suas rendas, até mesmo à véspera de sua morte.

E, nessa época, a cidade sofria com várias doenças: coqueluche, varíola, tétano, peste bubônica, malária, sarampo, tuberculose e a febre tifóide. Foi a partir de 1892 que as primeiras medidas higiênicas começaram a ser tomadas, com esmerada participação de João Octávio, para minimizar a precariedade de condição da saúde pública do município.

A inserção do personagem na área da educação era latente, em sua personalidade, mas só veio a conhecimento público, quando João Octávio deixou expressa, em seu testamento, sua aspiração de perpetuar a memória de sua já falecida mãe, criando um instituto destinado à educação intelectual e profissional de meninos pobres, semelhante ao de D. Anna Rosa, existente na capital do Estado e que deveria denominar-se *Instituto Dona Escolástica Rosa*. Consta do testamento que essa vontade era de sua mãe.

Em 1908, portanto, foi inaugurado o *Instituto Dona Escolástica Rosa*, administrado, naquele momento, pela Santa Casa da Misericórdia de Santos¹⁰.

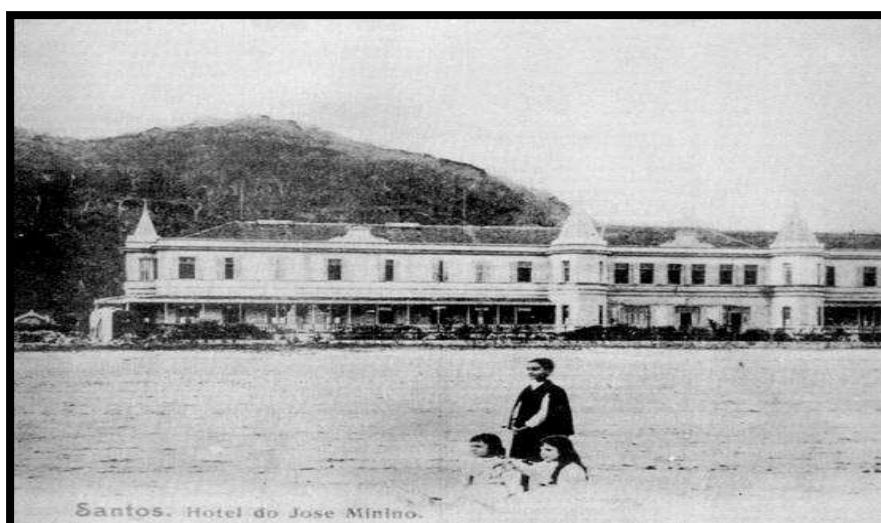
Paralelamente à sua atividade comercial, João Octávio dos Santos foi, também, um dos fundadores e diretores do Banco Mercantil de Santos. Como político, militou no partido liberal e, por várias vezes, chegou à presidência da municipalidade, cessando sua atividade política com a queda da monarquia.

Engrandeceu-o, igualmente, a iniciativa de abraçar a causa abolicionista, empregando todo o seu prestígio e influência para libertar os escravos doentes,

¹⁰ Em 1936, o Governo Estadual assumiu a direção e, no final da década de 1950, resolveu ampliar as instalações, criando novos blocos de salas e oficinas. Em 1978, o espaço foi desmembrado, surgindo a EETSG Bairro Aparecida que, em 1984, foi denominada de ETESG Aristóteles Ferreira. A ETE passou a integrar o Centro Paula Souza em 1994.

quando buscavam a Santa Casa, devido aos maus tratos recebidos. Custeou, de seu próprio bolso, a liberdade de muitos escravos e, além de facilitar a manutenção do famoso Quilombo do Jabaquara (bairro da zona noroeste, hoje), abriu as portas de sua chácara na Ponta da Praia.

Até mesmo esse lugar foi motivo de batalhas para seu testamenteiro, Júlio Conceição, uma vez que João Octávio deixou para ele a opção de o Instituto Escolástica Rosa ser ali construído ou ter outro prédio adquirido, conforme melhor conviesse. Como o local onde estava situada a chácara era um dos pontos mais baixos do solo santista, sendo invadido pelas marés e tendo águas estagnadas, o que o deixava repleto de materiais orgânicos e detritos vegetais em decomposição, seria dispendiosa e imprópria sua edificação (parecer este dado pelas Comissões Sanitária e de Saneamento à época e constante no testamento). Para Júlio Conceição, havia local melhor, o Hotel Internacional, na Praia do José Menino, cuja construção estava pronta e atendia às necessidades do Instituto em termos de edificações.



Hotel Internacional

Entretanto, a Comissão da Santa Casa venceu e o instituto foi construído na chácara da Ponta da Praia.



Instituto Escolástica Rosa - atualmente

Mas o mais nobre, belo e sublime dos atos de João Octávio foi ter deixado todas as instruções, de cuja autenticidade não se poder duvidar, documento constante em seu testamento, visando à educação de meninos pobres e órfãos.

À primeira leitura da Monografia de Júlio Conceição (1908, pp. 2 e 3), pensa-se tratar de uma escola dentro dos melhores padrões para a nossa atualidade, tal a

preocupação e insistência em determinados pontos nevrálgicos para a educação.

Apesar de comerciante, seu olhar, voltado ao ensino, reitera-se, era repleto de cuidado e zelo, como pode ser visto no Regulamento do Instituto D. Escolástica Rosa (CONCEIÇÃO, 1908, pp.2-14). Por exemplo, era condição para a matrícula dos alunos: “que seja de bom comportamento, orpham ou filho de Paes pobres, e apresente certidão de idade” (idem, p. 2). Isso indica a preocupação com o atendimento a crianças carentes.

Em 1900, João Octávio faleceu e Júlio Conceição, seu testamenteiro e procurador, fez de tudo para que seu testamento fosse cumprido, e embora muito decepcionado com modelos de gestão e outros acontecimentos, deu por encerrado o cumprimento do testamento, em 1908.

Enquanto isso, os acontecimentos históricos prosseguiram, e outro fator importante para o desenvolvimento da economia e formação cultural dos santistas fora a chegada de diversos imigrantes a partir do século 19. Atraídos para o trabalho nas fazendas de café, muitos acabaram fixando residência na região da baixada.

“São Paulo é café! Café é a riqueza paulista, principalmente no período de 1870-1920”, afirma a historiadora santista Maria Aparecida Franco Pereira (1996, p. 19). É importante ressaltar, nesse período, a formação de uma elite agro-exportadora cafeeira em São Paulo, que sempre freqüentou a cidade de Santos como balneário e escoou sua produção pelo porto santista.

Já em meados do século vinte, a popularização do automóvel no Brasil ocasionou o aumento de fluxo para a Baixada Santista. Essa certa “democratização”

turística foi em grande parte responsável pela “verticalização” dos imóveis, especialmente nas áreas costeiras de Santos. Os turistas de temporada se valiam da Via Anchieta para chegar à Baixada Santista, com seus automóveis, ônibus, ou até mesmo caminhões.

Mas o aumento das funções de veraneio de Santos foi particularmente responsável pela saturação da Via Anchieta (SP-150), tornando-se necessária a criação de nova rodovia. Assim, em 1976, foi inaugurada a Rodovia dos Imigrantes (SP-160), ligando a capital à Baixada. Como o turismo estava em declínio na década de 1970, na região, por um bom tempo o problema do tráfego foi resolvido com este novo meio de acesso ao litoral.

Este período da história santista retrata o início da transição entre o fordismo e o mundo globalizado. Com a reestruturação dos países europeus e asiáticos começa a competitividade industrial e o mercado passa a exigir uma nova dinâmica nas relações de trabalho, principalmente apoiada na criatividade, arma primordial para se manter a concorrência. As novas tecnologias passam a impor uma acumulação flexível, segundo a qual as novas máquinas passam a produzir diferentes produtos.

Estas mudanças trazem como consequência, também, uma flexibilidade na formação dos trabalhadores. O funcionário que passava sua vida profissional na mesma empresa, desenvolvendo a mesma função, começa a deixar de existir. O aumento do desemprego cria a necessidade de adequação às novas medidas e muitos trabalhadores voltam aos bancos escolares em busca de qualificação.

Ao mesmo tempo em que se constrói a nova rodovia dos imigrantes, inaugurada em 2004, para atender ao fluxo de carros em direção à baixada, se observa a depreciação do serviço portuário, que durante cerca de 400 anos foi a principal atividade econômica da região.

O trabalho informal é uma crescente no município de Santos, assim como em todas as grandes cidades globalizadas. O processo de globalização, aliado às novas tecnologias, geram um afunilamento nos diferentes setores das empresas. Em contrapartida, o fluxo turístico oferece oportunidades através do trabalho informal, com diversos ambulantes buscando atender o fluxo turístico. Senão vejamos:

Os caminhos que temos pela frente envolvem indiscutivelmente uma transformação profunda das relações de trabalho em geral. O motor desta transformação é, sem dúvida, a tecnologia, que avança rapidamente. Mas os mecanismos reguladores da transformação, ou os novos pactos sociais que devem emergir, ainda engatinham. O descompasso gerado leva ao caos que enfrentamos. Hoje, resgatar a governabilidade do processo de mudança é essencial, e o desenho de novas políticas, de novos espaços de parcerias e de elaboração de consenso, ou de luta quando necessário, tornou-se muito mais importante do que construir um carro mais veloz, que trafegará na velocidade das carroças do início do século nas caóticas cidades que construímos. (DOWBOR, 2001, p. 20).

A reestruturação mais agressiva na última década vem produzindo impactos ainda em andamento, na cidade de Santos e, conseqüentemente, a educação em geral vem procurando analisar e interagir com tais transformações. Efetivamente, percebem-se mudanças nas formas de gestão e organização da escola. E, novamente, justifica-se falar da procura crescente, por parte dos trabalhadores, pelos cursos de Educação de Jovens e Adultos, um demonstrativo deste processo.

Em entrevista realizada com a Professora Lúcia Tamiko¹¹, em 05 de abril de 2006, na Diretoria de Ensino de Santos, tem-se a impressão de que aquele mesmo cuidado e zelo pela educação, que eram preocupação de seu patrono, estão ali perpetrados.



Profa. Lucia Tamiko - Primeira Diretora

Este primeiro capítulo tem, portanto, a intenção de mostrar, de maneira rápida, simples e despretensiosa, como era a Santos - a partir de seus aspectos físicos e históricos - em que nasceu João Octávio dos Santos. Como, também, de apresentar o grande benemérito que foi este cidadão, incentivador da Cultura, em vários aspectos, tendo, sobremaneira, despertado as pessoas para a conscientização e a importância que há na formação dos jovens, em relação aos valores.

Conforme afirma a Professora Sonia Aparecida Ignacio Silva, no final de seu livro **Valores em Educação** (SILVA, 2000, p. 136): “já está mais do que em tempo de nos preocuparmos com os valores e as valorações em nossa prática educativa”.

Isso foi o que procuramos fazer, no caso da pesquisa aqui relatada. Ou seja, uma análise crítica dos valores e das valorações que se presentificam e se constroem no cotidiano de relações entre a escola e a comunidade estudadas.

¹¹ Primeira diretora da EE João Octávio dos Santos.

CAPÍTULO 2

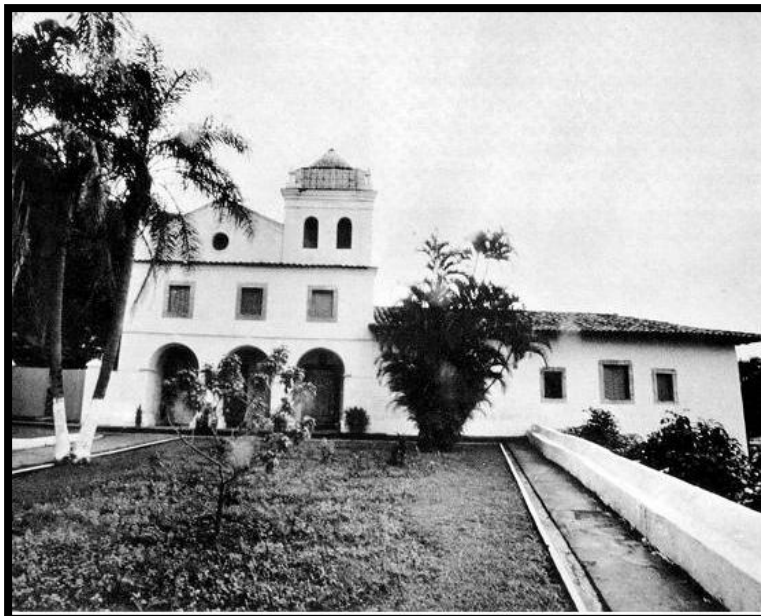
A COLONIZAÇÃO DO MORRO DO SÃO BENTO

E A CRIAÇÃO DA EE JOÃO OCTÁVIO DOS SANTOS

Após feitas as considerações gerais, tanto em termos da história da cidade de Santos, como da biografia de João Octávio dos Santos, neste segundo capítulo serão apresentados aspectos – considerados fundamentais para a presente pesquisa – sobre o processo de colonização do Morro do São Bento e, dentro desse panorama, da história da EE João Octávio dos Santos, sua localização, discutindo as razões de sua fundação e sua evolução até o momento atual.

A ocupação do Morro do São Bento iniciou-se logo após a fundação da ilha de São Vicente, em 1532, quando a área foi entregue ao ferreiro da esquadra do fundador de São Vicente, Martim Afonso, o mestre Bartolomeu Fernandes Gonçalves.

A princípio, chegou a chamar-se Morro do Desterro, por causa da Capela de Nossa Senhora do Desterro, construída em 1550 por Bartolomeu Fernandes Gonçalves. Mais tarde foi erigido um mosteiro ao redor da capela mais antiga da cidade - o Mosteiro de São Bento, fundado em 1650, ocasião em que os herdeiros de Gonçalves doaram a propriedade a Freis da Ordem Beneditina.



Mosteiro de São Bento

Os religiosos, então, construíram o Mosteiro de São Bento, também na encosta da montanha, onde está instalado atualmente o Museu de Arte Sacra de Santos e que acabou dando nome ao morro.



Museu de Arte Sacra

Entre os primeiros ocupantes do morro estavam os espanhóis e italianos, mas as numerosas famílias vindas da Ilha da Madeira eram maioria absoluta, o que tornava o bairro uma típica vila portuguesa, com uma concentração de bordadeiras que logo fizeram fama na cidade.



Bordadeiras

De acordo com a história¹² pode-se concluir que o Caminho do Wright é o mais antigo acesso ao Morro de São Bento e por ele passaram os primeiros moradores, carregando madeira, móveis e panelas nas costas, que não se assustaram diante daquela baita encosta a ser explorada e nem temeram as dificuldades que, na certa, enfrentariam na condição de pioneiros.

¹² Em consulta feita aos site www.vivasantos.com.br// - com acesso em 14 de novembro de 2006,



Caminho do Wright

Afirmações legais sobre quando começou a ocupação do Morro de São Bento, destas não se têm registros. Mas gente antiga por lá, como seu Américo de Souza, que foi presidente da Sociedade de Melhoramentos, sempre ouviu dizer que o tal do Wright (de onde surgiu a denominação Caminho do Wright) era proprietário da gleba voltada para o Centro de Santos, instalando os primeiros chalés de que se tem notícia. Todas as casas, até a ligação 13, pertenceram a ele.

Não resta dúvida de que foram os portugueses que deram vida ao lugar. Foram eles que se encarregaram de abrir os escarpados carreiros, pomposamente denominados de *Caminho do Ferramenta*, *Caminho do Paulino*, *Caminho da Vicença*, *Caminho da Graxa* e *Caminho do Leonardo*. E foram eles também que, à medida da necessidade, alargaram esses primeiros caminhos e, em seus pontos mais íngremes, implantaram largas escadas.

Para convocar o pessoal para o trabalho, bastava pendurar um recado num ponto visível qualquer, anunciando que em tal dia haveria serviço no lugar tal. E os homens compareciam com a maior disposição do mundo, mesmo quando era

preciso levar sobre os ombros os meios-fios de 120, 150 quilos, com os quais as escadarias foram construídas enfrentariam na condição de pioneiros.



Escadarias de acesso ao Morro do São Bento

O VALOR DA SOLIDARIEDADE

Todos os livros referenciados - que têm registros da história de Santos e da colonização dos Morros, inclusive os *sites* - são uníssonos em reafirmar que a **solidariedade** sempre foi um valor dos mais presentes no cotidiano das famílias residentes no Morro do São Bento, à época de sua colonização. E se fazia mais evidente, é claro, nas horas de apuro. Bastava saber que alguém estava com uma dor qualquer para toda a vizinhança ficar mobilizada. As mulheres se dividiam nas tarefas: uma corria para buscar folhas de uma erva milagrosa no mato, outra dava comida para as crianças do doente, outra ia para a beira do tanque enxaguar as peças de roupa.

Quando morria alguém, o morro inteiro ficava triste. Falava-se mais baixo, movimentava-se calmamente e um clima de pesar pairava por semanas a fio. Era o membro de uma grande família que partia.

Trabalhando lá já há dez anos, podemos testemunhar que tal ritual acontece até hoje. Desde o mais importante membro daquela comunidade até aquele que, por vezes, causara muitos problemas, são reverenciados pela comunidade por ocasião de velório e enterro. O féretro atravessa todo o morro, até chegar ao cemitério, e enquanto vai passando, comerciantes baixam suas portas, as pessoas param em sinal de respeito e até mesmo as crianças, um dos fatores que mais me toca, ficam muito sensibilizadas pela perda daquele ente, pois todos são muito próximos, todos se conhecem, e não há como não compartilhar da tristeza.

Segundo observa Émile Durkheim (1981, p. 41), a Sociologia explica a presença da solidariedade nos grupos sociais determinados: “a cada momento, os indivíduos e os grupos por eles formados unem-se por laços de um certo tipo, que asseguram a coesão social...”.

Especialmente as coletividades recém instituídas, como era o caso do Morro do São Bento no período de sua colonização, estabelecem relações que garantem e fortalecem vínculos de amizade pessoal e de convivência conjunta. Isso, nas horas de alegria – como veremos adiante – ou de tristeza, como no caso de morte, acima referido. E essas vivências coletivas e relações interpessoais que são instituídas, sem dúvida expressam o **valor da solidariedade**, verdadeiro amálgama a sedimentar a construção de uma coletividade que até hoje inclui, complementa, acolhe e supre os que a ela se apresentam como futuros pares.

Talvez esse tenha sido um dos muitos fatores que chamaram minha atenção sobre a comunidade desse Morro, bem como sobre a relação que se estabeleceu entre ela e a escola ali criada. Mas, retornemos à história do Morro do São Bento.

Retornando à colonização, todos sabem que chegar a um novo país, sem casa e sem oportunidade de trabalho, é algo muito inquietante, mas saber que se vai poder contar com um quarto e alimentação até a obtenção de um emprego, é um presente de Deus.

Em relação aos imigrantes portugueses do morro do São Bento, o auxílio nos primeiros dias, em Santos, tinha endereço certo: a casa da viúva Maria de Jesus Gonçalves, a Dona Maria, no Largo do São Bento. Apesar de falecida há mais de 20 anos, a Dona da “Hospedaria dos Imigrantes” é lembrada pela filha Alzira Gonçalves - hoje com quase 74 anos, mas que por ocasião da reportagem feita ao Jornal “A Tribuna”¹³ contava com 67 - que diz ter sua mãe abrigado mais de 300 portugueses, a maioria da Ilha da Madeira. Segundo seu relato ao jornal citado, os imigrantes vinham para a hospedaria e lá ficavam até se estabelecerem na Cidade. Mas havia uma condição que era sempre cumprida. Dona Maria dizia a todos aqueles que chegavam que, tão logo arranjassem um trabalho e recebessem o primeiro salário, o pagamento do aluguel deveria ser feito. Naquela ocasião, o trato era regamente cumprido.

Quando os pais de Alzira (Maria de Jesus e José Gonçalves) chegaram a Santos, em 1912, foram morar no São Bento, onde na época residiam cerca de 20 famílias, em barracos de madeira, alugados pela família Marinangele que, de acordo com Santos (1986, p.333), tinha como sogro Benjamin Fontana, cidadão italiano que

¹³ Relato ao Jornal “A Tribuna” de 21 de novembro de 1999, Caderno Local, p. A10.

havia adquirido as terras do morro e outras ao redor, por volta de 1885, ali instalando sua própria residência, em uma chácara. Não se encontra data definida, mas segundo as fontes consultadas, sabe-se que aquelas terras tornaram-se propriedade de seu genro, o cônsul italiano, Comendador Auggusto Marinangeli¹⁴, mas que em Santos (1986, p.333) é referenciado de forma diferente – Cavaleiro e Comendador Augusto Mariângeli - cidadão italiano, considerado santista de adoção e grande conhecedor da Língua Portuguesa.

Mas, o mais interessante, a saber, é que o loteamento para a aquisição dos terrenos só ocorreu nos anos 1940. E é também curioso o fato de que, nessa época, o fornecimento de energia elétrica para o São Bento era responsabilidade do padrinho de Alzira, João Farias, que, fato inusitado, diariamente, ligava e desligava as chaves de energia do bairro, respectivamente às 5 horas e às 19 horas, como bem lembra Dona Alzira.

Os mais antigos nunca esquecem a solidariedade que havia: volta e meia recordam os tempos em que o São Bento tinha apenas quatro vendinhas: a do *seu* Zé Rodrigues, do *seu* Manoel de Abreu, do *seu* Manoel Rebola e do João Mendes. Mas, outros comerciantes foram aos poucos se instalando e, também, ficando bastante conhecidos, como o José *Boi*, o João *da Alzira* (Dona Alzira), o *seu* Andrade e o *seu* Frederico.

Este último não esconde o orgulho quando chega alguém da Vila Lindóia, do Jabaquara e de outros pontos mais distantes, procurando pela "*venda do seu Frederico*". É o resultado de anos e anos de trabalho, coisa que vem desde os tempos em que subiam aqueles carreirinhos *pedregulhentos*, carregados de mercadorias nas costas para abastecer seu estabelecimento. Sem contar que as

¹⁴ De acordo com o site <http://www.novomilenio.inf.br//>, acesso em 23 de outubro de 2006.

compras eram sempre entregues na casa do freguês. A dona de casa deixava a notinha com seu Frederico - 30 quilos de feijão, 30 quilos de arroz, 30 quilos de batata e aí por diante - e podia ficar sossegada.

Agora, esse comerciante anda pensando em descansar, fechar a venda. Mas vai ficar na lembrança de muita gente, como ficaram muitas outras pessoas e até alguns locais freqüentados por todo mundo, como a Fonte do Geraldo, os velhos alambiques e o Bar do Largo, hoje substituído pela Padaria Duas Pátrias¹⁵.

A RELIGIOSIDADE E A FORMAÇÃO DE UMA NOVA CULTURA

Segundo o jornal “A Tribuna”¹⁶, naquela época nem parecia que se estava no Brasil, com tantos madeirenses cultivando os usos e costumes da santa terrinha; e, como bons portugueses, sentiam falta do foguetório, do vinho e das solenidades religiosas. Por vezes, as famílias se encontravam para conversar e relembrar com muita saudade as bonitas festas que realizavam, na Ilha da Madeira, em homenagem à padroeira, Nossa Senhora de Assunção. Chegaram à conclusão de que se as recordações eram tantas e boas, por que não poderiam promover uma festa da Assunção igual àquela de que participavam em sua terra de além- mar?

A partir dessa idéia e do esforço daquelas pessoas tão saudosistas, nasceu a famosa festa de agosto do Morro de São Bento. A princípio, a mangueira do Largo de São Bento abrigava os fiéis na hora da missa campal.

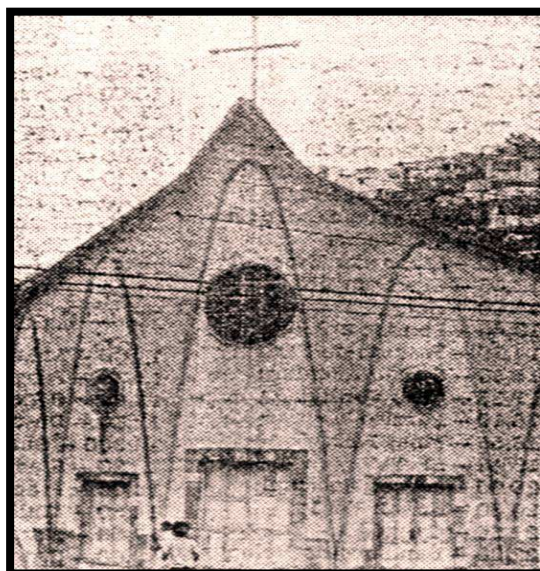
¹⁵ <http://www.novomilenio.inf.br/santos> - Acesso em 24 de outubro de 2006.

¹⁶ Jornal “A Tribuna” de 13 de fevereiro de 1983, p. 15.



Também faziam festas com churrasco, vinho, música e rojões. Foi quando um morador, de cujo nome não se tem registro, sugeriu a construção de um templo em louvor à padroeira. Rapidamente, formou-se uma comissão que se entregou a um trabalho incessante e infatigável e, colocando pedra a pedra, fez surgir a capelinha.

Em 1960, realizou-se em sua laje a tradicional missa, e em 1961, ela já estava coberta e pronta para servir de templo aos devotos da Assunção.



IGREJA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

A igreja continua firme, mas a festa perdeu a pompa de outrora, devido às características que começaram a ser mudadas em meados da década de 1940, com a chegada dos migrantes nordestinos, que traziam consigo seus costumes e hábitos. A migração nordestina se intensificou na década de 1960, com aqueles que vinham do nordeste em busca do sonho de uma vida melhor, nas encostas do morro. No início da década de 1980, a população do morro já era de 11 mil habitantes.

A miscigenação decorrente dos casamentos entre os imigrantes europeus e os migrantes nordestinos resultou numa população com características peculiares, já que houve um cruzamento de culturas, de hábitos, de linguagens. A busca de novos horizontes parece ter sido o denominador comum para os grupos que se mesclaram lá no morro. Assim, apesar das origens diferentes, dos componentes culturais distintos, ambos os grupos tinham objetivos comuns – por exemplo: vencer na vida, adaptar-se à nova realidade social, forjar uma nova cultura, enfim. Ao que tudo indica, foi isso que os uniu, até mais fortemente, do que os atrativos físicos, afetivos, emocionais. E o resultado dessa integração cultural foi um povo solidário, hospitaleiro, cordial, alegre e festivo. Desde o período de colonização, até os nossos dias, estas características valorativas se fazem notar na comunidade do Morro do São Bento.

ASPECTOS DA VIDA NO MORRO

A vida no Morro, já naquele tempo do início da colonização, era bastante agitada, e a criançada, quando não estava tramando das suas, ora disputando uma

partida de futebol, ia empinar pipa para os lados do Cruzeiro ou da *Pedrona*, brincar de garrafão ou de esconder a cinta. Essa última era uma invenção deles mesmos: alguém escondia uma cinta e quem a achasse saía batendo em todo mundo. Dias depois, só se via gente com costas e pernas roxas.

A calma só se estabelecia quando havia *cineminha* ao ar livre. As casas comerciais costumavam promover sessões embaixo da enorme mangueira do Largo de São Bento. Juntava gente de tudo quanto era canto, munida de cadeiras, caixotes ou bancos. E como o *Robin Wood* fazia sucesso!...

A primeira rua a ser aberta exemplifica a camaradagem da comunidade, sendo que os próprios residentes se organizaram para a obra da rua São Marcos, na década de 1950. Essa união é percebida até hoje em grupos esportivos e folclóricos, como o rancho carnavalesco do morro do São Bento e o Grêmio Madeira Futebol Clube, integrado em sua maioria por imigrantes e seus descendentes.

A PARTEIRA DO MORRO

Outra particularidade é o fato de o Morro contar, naquela ocasião, com sua própria parteira, função muito comum na primeira metade do século. Dona Maria Pestana, falecida no final dos anos 1970, era quem desempenhava essa função e, sempre que chamada, saía com sua bolsa debaixo do braço e descalça, motivo que a fazia ganhar tempo, já que naquela época os caminhos pelo morro não eram asfaltados. Dizem que assim o fazia, porque era mais fácil correr sem sapatos para ter melhor acesso às parturientes, pois ela atendia inclusive aos bairros vizinhos. No entanto, outra explicação, de cunho antropológico, pode também ser considerada. Segundo o Mito da Grande Mãe, a mulher que traz à luz novos seres, deve estar em

contato direto com a terra, para extrair dela a energia necessária a essa atividade “quase divina” de fazer nascer um novo homem ou uma nova mulher. Embora não tivesse consciência explícita dessa interpretação antropológica, podemos chegar a pensar que, talvez, Dona Maria Pestana buscasse, ainda que intuitivamente, essa energia da terra para exercer suas funções de parteira.

A atuação da Parteira do Morro não se restringia, porém, apenas ao trabalho com a parturiente, mas, também, prosseguia por alguns meses, tempo em que dispensava cuidados à mãe e ao recém-nascido.

Aqui se manifesta o que Gramsci (1978, p.11-30) chama de bom-senso, ou seja, o núcleo válido do senso comum. Isto significa uma concepção de mundo que é genuína, espontânea, que deriva do próprio ser-no-mundo – como também o afirma Paulo Freire (2006, p. 47-54) –, mas que não é um simples estar-no-mundo. É importante que se perceba que, nas ações da Parteira do Morro, talvez existisse certa presença de uma religiosidade de cunho antropológico, fundante, inerente à própria função por ela desempenhada. No entanto, a dimensão social do seu fazer demonstra uma perspectiva de integração, que se manifestava nas atitudes solidárias, nos cuidados das pacientes e sua prole, enfim, na disponibilização total à tarefa de trazer à vida novos seres.

Percebemos, assim, que se forjou no Morro do São Bento recém-colonizado, um sentido de pertencimento, ou seja, uma concepção de mundo – ou uma cosmovisão – segundo a qual: “... pertencemos [...] a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir” (GRAMSCI, 1978, p.12). Isso foi se construindo,

progressivamente, ao mesmo tempo em que se constituiu a coletividade do morro investigado.

O exemplo da Parteira do Morro, bem como o da Hospedeira dos Imigrantes, ou mesmo dos comerciantes que a todos atendiam independentemente das condições de pagamento, denotam uma ética também natural e espontânea porque derivada do senso comum, do bom-senso, enfim, da cultura própria dessas pessoas, transmitida através da oralidade para elas e por elas aos seus descendentes.

Porém, tornando à história do Morro do São Bento, a Hospedaria local contava com 8 cômodos, construídos fora da casa da proprietária e exclusivos para os hóspedes. E qual o motivo da importância dessa Hospedaria para nós?

Tal construção ficava localizada no terreno onde, hoje, está o prédio da EE João Octávio dos Santos. A maior parte dos imigrantes passou por lá nas décadas de 1940 e 50.

É possível afirmar que muitos dos valores característicos do período de colonização do morro – tais como solidariedade, espírito comunitário – ainda são práticas comuns no presente. Embora o Morro do São Bento esteja localizado em Santos, todo mundo que lá chega, pela primeira vez, tem a nítida impressão de estar em outra cidade. De lá, desse pedaço da *Santos de cima*, pode-se ver a cidade de baixo, o porto, o mar. A paisagem que se descortina é muito bela, mas o ambiente do Morro do São Bento é por demais acolhedor: não dá vontade de sair de lá.

E como a escola ali se estabeleceu?

A ESCOLA DO MORRO

O percurso iniciado para a coleta de dados sobre a escola em estudo, começou com a entrevista realizada com a Professora Lúcia Tamiko, em 05 de abril de 2006, na Diretoria de Ensino de Santos, que foi a primeira diretora da EE João Octávio dos Santos.

De acordo com a professora Lúcia Tamiko, a instalação da EE João Octávio dos Santos causava estranheza a todos os que passavam pela Av. Dr. Waldemar Leão, ao saírem do túnel Rubens F. Martins. Ela nos conta o seguinte:

Quando eu perguntei onde ficava essa escola do Morro do São Bento... falaram – “não, você nunca atravessou aquele túnel? Você nunca viu à sua esquerda?” Falei – “vi, tem uma quadra de esportes”. E eu, ainda, quando olhava aquela quadra de esportes, pensava – “qual é o doido que construiu aquela quadra de esportes nesse morro?!, É impossível construir uma escola lá” (L.)

Professora Lúcia não só foi a primeira diretora, como também instalou, quebrou e ajudou as pessoas a construírem o prédio. A escolha da Professora por aquela escola fora feita de última hora, uma vez que ela queria vir para Santos (nessa época era efetiva da Vila Mirim, em Praia Grande), e a escola fora inserida na lista da atribuição apenas um dia antes.

A depoente conta que lá chegou em dezembro de 1977, e que a instalação da escola se deu a 18 de janeiro de 1978, porém, oficialmente, a inauguração só aconteceu em 28 de agosto de 1978, conforme ata de inauguração¹⁷. Suas primeiras impressões foram:

¹⁷ Único documento disponível para pesquisa e constante dos Anexos.

Eu achei o prédio belíssimo, primeiro aquela árvore, tem uma árvore, não sei se vocês perceberam, aquela que cai sobre a quadra, nós trabalhávamos lá, no início. (L.)

A condução para lá era precária, então, inicialmente, a Divisão Regional de Ensino lhes proporcionava transporte.

Uma das primeiras coisas que a Professora Lucia Tamiko percebeu é que não havia aulas no período noturno. Resolveu, assim, abrir classes no turno noturno, pois calculou que haveria demanda de população para tal período. Colocou cartazes que avisavam aos moradores interessados em estudar a noite, para que retornassem à escola.

A depoente ficou pasma quando percebeu que já havia instalado 20 classes no período noturno – que assim funciona até hoje, com um mínimo de oscilação, mas tendo 60 salas de aula no total dos três períodos.

Com todos aqueles alunos, a escola funcionou por 5 anos, somente com o ensino fundamental. O ensino médio foi instalado em 1983, pois o maior objetivo era atender a população que ali estava. Naquela altura, havia somente uma escola no Morro da Nova Cintra, a EE Alzira Martins Licht.

Então, a EE João Octávio dos Santos foi a primeira escola estadual do Morro do São Bento.

Por ocasião de sua inauguração, em 1978, quem esteve presente foi, na fala de nossa entrevistada, o Governador de Ensino do Interior¹⁸, por se tratar de ano eleitoral. Professora Lucia relata que com a ajuda da comunidade, houve até churrasco no dia da inauguração, 28 de agosto de 1978.

Indagada a respeito do número de funcionários na época, contou-nos que:

¹⁸ Talvez fosse o Coordenador de Ensino do Interior.

No ano da instalação, a secretaria abriu pela primeira vez um concurso para o pessoal de apoio, servente, escriturários, inspetores de alunos... O que aconteceu? Foi o próprio pessoal do Morro que foi se inscrever lá, então nós não tivemos gente, por exemplo, pessoas da Ponta da Praia interessadas.... Eu me lembro que a escola iniciou com sete, sete serventes do próprio Morro, da própria comunidade... (L.)

Atualmente, segundo dados colhidos em junho de 2006, a EE João Octávio dos Santos conta com 21 funcionários da área administrativa, 88 docentes e um total de 1378 alunos (787 no Ensino Fundamental I e II, 394 no Ensino Médio e 197 em Suplência); salas de aula funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno, biblioteca, salas de vídeo, de computação, quadra de esportes, pátio coberto, cantina e a cozinha, onde se faz a merenda. Além da Secretaria, há salas para a Direção (1 Diretor), Vice-Direção (2 Vice-Diretoras) e Coordenação (2 Coordenadoras). Também há, ao lado da cantina, uma sala de uso exclusivo para a Escola da Família, um projeto do atual governo do estado de São Paulo, que visa integrar escola e comunidade. Aos sábados e domingos, a escola é aberta e, além de várias oficinas para adultos e crianças, há um forno industrial para o ensino e fabricação de pães.

Mas, vejamos as observações de quem hoje está na direção dessa escola.

Em entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2006, o atual Diretor da Escola, Professor Clineu Parise Filho¹⁹, confidenciou-nos que, em vista de muitas outras escolas em que trabalhou, tanto estaduais, como municipais e particulares, all, na EE João Octavio dos Santos, ele se sente no paraíso. Claro que problemas existem, mas, segundo o Professor Clineu, os alunos ainda têm educação e – o que é muito importante – a comunidade sempre respeitou muito o espaço-escola.

¹⁹ Em sua própria sala, na unidade escolar.

Ao lhe perguntarmos sobre a história da escola, o porquê dela ter sido construída justamente no topo do morro, se foi implantada a partir de uma demanda da comunidade, ou se ela foi criada a partir de razões políticas, o Professor Clineu assim nos respondeu:

Eu...não sei grandes coisas sobre a história da escola porque... como eu falei, a primeira diretora que nós tivemos aqui foi a Dona Lúcia Tamiko... através dela é que nós ficamos sabendo de alguns acontecimentos do crescimento da escola, como era a escola antigamente; e pela comunidade, porque muitas mães aqui vêm conversar conosco, dizendo que era um terreno muito pequeno em que foi feita uma escolinha; não na dimensão que tem hoje, acho que seria a metade da escola de hoje... eu acho que a palavra humana, eu acho que fala muita coisa sobre o J. O. S. (o Patrono da Escola). Procurava ajudar as pessoas... (C.)

O depoente afirmou que nos três anos em que ali está como Diretor – assumiu a direção da escola em setembro de 2003 –, enfrentou somente um grave problema; mas resolveu-o conversando com o aluno e com seus pais, tendo obtido sucesso na resolução dessa situação.

Ressaltou o trabalho iniciado pela Professora Cleidi Nogueira Lima, Diretora anterior a ele, elogiando seu empenho para elevar a auto-estima dos alunos, chamando-os à responsabilidade, ao respeito, ao diálogo e observando o quanto é importante, para os alunos, os exemplos passados a eles por todos aqueles que compõem o corpo da escola.

Professor Clineu sente orgulho de ter, em sua escola, funcionários e professores fazendo cursos; fala, também, com carinho, do aluno²⁰, fruto nosso, que ganhou o 1º lugar na última Olimpíada de Matemática, realizada pela Prefeitura de Santos, da qual fizeram parte as escolas estaduais, municipais e particulares da região.

²⁰ Certificado de Mosiah José da Silva Matos.



Prof. Clineu Parise Filho e
Profa.Dra. Sonia Aparecida Ig. Silva

Também a implantação do EJA - Ensino de Jovens e Adultos -, segundo o professor, foi uma conquista fundamental, fruto de importante luta para que o curso fosse iniciado.

O *Kiko* – como o Professor Clineu Parise Filho é carinhosamente chamado por todos, inclusive pelos alunos –, afirma a possibilidade de se ensinar ética nas escolas, aliás um dos um dos Temas Transversais propostos pelos PCN. Suas considerações estão ancoradas na convicção de que a ética deve ser vivenciada, o que, segundo ele, tem acontecido na escola em estudo.

Enfim, pelas observações feitas até este momento do trabalho – considerando-se a história e o posicionamento de João Octávio dos Santos em prol da educação em Santos, sua cidade natal; as características da colonização do Morro do São Bento, uma comunidade com especificidades que a distinguem de tantas outras; considerando-se, além disso, as razões e o como foi construída a escola –, pode-se começar a delinear o que há de especial naquela instituição e em sua relação com a comunidade em que está inserida.

As entrevistas realizadas com dois de seus Diretores – cuja análise será continuada e aprofundada no próximo capítulo – já nos dão indicações preciosas sobre a relação foco desta investigação. Porém, as informações decorrentes das observações feitas, dos questionários aplicados a professores, funcionários e membros da comunidade, da análise de redações de alunos, comporão, juntamente com as entrevistas dos dois Diretores – a primeira e o atual – o conjunto de dados que nos permitirá fechar este relatório de pesquisa com um capítulo conclusivo, em que se busca discutir os valores construídos conjuntamente pela escola e pela comunidade.

CAPÍTULO 3

ESCOLA – COMUNIDADE E A CONSTRUÇÃO DE VALORES

Neste capítulo conclusivo pretende-se apresentar uma discussão mais efetiva sobre os valores construídos conjuntamente pela escola e pela comunidade, já trabalhados, ainda que de forma indicativa, nos capítulos anteriores desta dissertação.

Mas, convém aqui esclarecer, também, qual é a concepção teórica sobre Valores que preside esta pesquisa. Ou seja, qual é o significado de valor no contexto da investigação que agora chega ao momento de seu relatório final.

VALORES E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DESTA PESQUISA

Segundo Agnes Heller (1974, p. 33) valor “é um modo de preferência consciente”. A preferência consciente é um momento da sociabilidade e, portanto, produz-se ao mesmo tempo em que se desenvolve a sociabilidade e existe enquanto houver sociabilidade. Sendo assim, o valor é contemporâneo do homem como ser social.

Queremos lembrar que, no contexto desta pesquisa, procurou-se enfatizar os valores tal como eles foram se evidenciando no processo de construção da Comunidade do Morro do São Bento. Tome-se como exemplo disso o valor da solidariedade, concretizado socialmente nas diferentes ações solidárias dos moradores do Morro, tal como se pode ver no Capítulo 2 deste trabalho.

Assim, consideramos que ao falarmos dos valores, estamos tratando de significações que funcionam como referência para as nossas ações (SILVA, 2000). Os valores não são um fim em si mesmos, mas fazem a mediação entre a situação atual e outras que pretendemos alcançar. Por isso, afirmamos – juntamente com estudiosos do assunto – que “os valores aparecem no esforço humano da valoração” (FURTER, 1972, p.110), podendo ser caracterizados como “o próprio esforço do homem em transformar o que é naquilo que deve ser” (SAVIANI,1980, p. 41).

Queremos deixar claro que consideramos, com Severino (2002, p. 83), a educação como “mediação universal da existência humana”. Assim sendo, o universo escolar/comunitário que buscamos estudar, apresenta-se como um espaço em que as mulheres e os homens, as crianças e os jovens, envolvidos, podem construir conhecimentos significativos, assim como relações afetivas, sentimentos, vínculos pessoais, simultaneamente à sua própria construção como sujeitos históricos. E fazem isso a partir de princípios e valores – éticos, intelectuais, estéticos, vitais e afetivos, úteis ou econômicos – fundamentais à sua sociedade e ao seu tempo histórico, avaliando, valorando, portanto atribuindo significado a tudo aquilo que está ao seu redor, que faz parte de sua existência.

Sendo assim, o contexto que investigamos – o universo escolar/comunitário – é obrigatoriamente um espaço de valorações, em que os valores estão presentes em todo o processo de manifestação dessa relação, embora nem sempre se tenha plena consciência de sua presença, de suas interferências e possíveis decorrências.

Todas as decisões tomadas nesse processo relacional, as escolhas feitas, as discussões, as significações atribuídas, os comportamentos ensejados e os

criticados, as atitudes assumidas, implicam sempre procedimentos valorativos que precisam ser claramente compreendidos e explicitados.

Por isso é conveniente admitir e reconhecer as inegáveis bases axiológicas da vida escolar, da vida em comunidade, da relação escola/comunidade objeto desta investigação. Ao que tudo indica, o maior desafio será a concretização dessa dimensão axiológica não só em nossos empenhos de reflexão, mas nas ações cotidianas. E foram estas provocações que nos levaram a empreender a pesquisa aqui relatada.

ESCOLA/ COMUNIDADE E VALORES

Neste momento, vamos analisar informações advindas das diversas fontes consideradas para a coleta de dados nesta pesquisa. Visando à organização desse processo de discussão optou-se por estabelecer **núcleos temáticos**, que emergiram das próprias informações e que foram considerados fundamentais para o esclarecimento de nosso objeto de investigação. São eles:

1. A instalação da Escola em resposta ao desejo da Comunidade: a priorização dos Valores do Conhecimento

Retomemos, a princípio, a contribuição que os depoimentos dos diretores entrevistados – Professora Lúcia Tamiko, a primeira Diretora da EE João Octávio dos Santos e Professor Clineu Parise Filho, o Diretor atual – nos traz para as análises referentes ao processo de instalação da EE João Octávio dos Santos – que, segundo os entrevistados, deu-se em resposta à demanda da Comunidade do Morro do São Bento.

É bom esclarecer que buscamos deixar claro – para ambos os entrevistados – que nossa questão de pesquisa consistia, basicamente, em saber se tem havido, desde a sua implantação até o presente, integração e entrosamento entre escola e comunidade local, no que diz respeito à preocupação e ao trabalho com valores.

A Professora Lúcia Tamiko historiciza, em seu depoimento, o surgimento da escola:

... o São Bento²¹ era tido com uma população de 13 mil habitantes²², só que os alunos estavam todos parados, não tinha escola lá, a única escola que tinha no morro era aqui no Alzira Martins Licht, no Nova Cintra. Então, aquela foi a primeira escola do São Bento e não tinha, vamos dizer, uma estimativa; eles acharam que a escola ia atender bem por dez anos. No primeiro ano, nós lotamos manhã e tarde, tanto é que o diretor da divisão regional, quando subia e ia visitar a gente, perguntava: “Lúcia, o que aconteceu aqui?” – “O que aconteceu é que vocês não sabiam que todos os alunos estavam espalhados. Nós tínhamos alunos todos aqui, na parte baixa da cidade, todos espalhados; tinha alunos do Cesário Bastos... então eles se deslocavam, entendeu? Saíam lá do morro do São Bento, e estudavam aqui, nessa escola, aqui, alunos no Cesário, alunos no Barnabé, alunos naquela época, hoje a EMEF Prof. Acácio Paula Leite Sampaio, EMEF Mario Almeida Alcântara... Mas, os alunos estavam todos espalhados e, claro, que aí eles procuraram o São Bento, não é? (L.)

Segundo a depoente, a Divisão Regional de Ensino considerava que a escola iria atender bem, a população demandante, por uns dez anos e, por isso, construíram uma escola com 18 salas de aula:

... e eu já tive que improvisar duas salas na parte térrea, tá? Eu me lembro que eu fui ver, na planta tinha, assim, um P e um M, falei assim, é ponto morto? Então, eu vou fazer ele em V; é PM, eu não sei o que é PM, então eu vou fazer ele em V e em duas salas que estavam embaixo da PM instalamos as lousas, pedimos mais dois conjuntos de carteiras e, naquela época, a transportadora quase não

²¹ Aqui a entrevistada se refere ao Morro do São Bento.

²² Há controvérsia sobre a população do Morro do São Bento. A depoente – Professora Lúcia Tamiko – informa um nº (13.000) maior do que o referido por outras fontes de consulta a esse respeito. Para tanto, ver www.novomilenio.inf.br/ acesso em 11/03/07 (9.000 habitantes) e Jornal Expresso Popular de 26/03/02 (10.000 habitantes). Segundo informações obtidas em 22/03/07 – junto à Prefeitura Municipal de Santos, à Secretaria Municipal de Governo (SGO – Santos) e ao Departamento de Defesa Civil de Santos (DEDEC – Santos) – a população atual do Morro do São Bento é de 12.000 pessoas, distribuídas pelas várias localidades do Morro (Centro: 6.000; Vila São Bento: 1.000; Vila Lindóia: 2.000; Bufo: 1.500 e Fontana: 1.500 habitantes).

*dobra aquela estradinha, aquela ruazinha, quase; ele chegou lá em cima, falou assim: "dona, eu quase que não chego aqui, porque o caminhão não virava, não fazia a curva". Levaram 18 conjuntos de carteiras, cada conjunto com 35 carteiras e ele quase que não conseguiu fazer aquelas curvas, mas chegou, chegou lá em cima...
... Aí instalei a escola, pasmem, a escola tinha 18 salas de aulas, e eu já instalei com 20 classes. (L.)*

Então, das dezoito salas de aula Prof^a Lúcia fez com que funcionassem vinte! Fica evidenciado o empenho da Diretora recém-empossada. Ela afirma que não só instalou, como quebrou, ajudou as pessoas que construíram o prédio, os pedreiros, os engenheiros; enfim, brigou e conviveu com eles. E para a organização das classes, teve a ajuda de colegas professores que vieram de outras unidades:

... nós ficamos com os professores, os adidos que eram do Cesário Bastos, do Barnabé, eu chamo os professores de pioneiros. Quando os encontro eu falo olha as pioneiras, aqui, do João Octávio (risos). (L.)

Além disso, como já comentamos no capítulo anterior, houve um concurso para provimento de funcionários, cujas vagas foram preenchidas por moradores da Comunidade do Morro do São Bento – alguns dentre eles ainda trabalham até hoje na escola, como é o caso de Regina – conhecida, carinhosamente, como *Reginona* –, que também deu sua contribuição a esta pesquisa.

Como se pode ver, houve uma verdadeira conjugação de esforços, tanto de profissionais educadores, quanto da comunidade local, no sentido de concretizar e organizar a implantação da escola necessária ao Morro, requerida por sua população.

Talvez em resposta a essa disponibilização da comunidade é que a Prof^a Lúcia foi à busca dos “alunos trabalhadores”, que estavam “espalhados” pelas

outras escolas, ou parados: “*Aí coloquei um cartaz ali, para aquele que queria fazer o noturno, para retornar à escola. Vieram e tal...*” (L.).

Enfim, a visão da primeira Diretora foi, sem dúvida, de longo alcance. Ela buscou e conseguiu ampliar não somente a escola, como também as oportunidades de escolarização mais adequada para aqueles que tiveram o acesso aos bancos escolares dificultado pelas coisas da vida.

... Eu acho que até hoje funcionam com as 40 classes do diurno, e lá teve época que funcionou com 60 classes, 20 no noturno. Mas eu quando instalei, instalei com 48 classes e, então, quando ninguém pensava...

... Só de 1ª série, nós instalamos 11 classes, 11 classes de 1ª série, quer dizer, eram alunos novos que nem estavam estudando aqui embaixo. (L.)

Naquela época só funcionava o ensino fundamental²³, não tinha o ensino médio que foi instalado, na escola, a partir de 1982. Mas, além disso, segundo a depoente:

... vendo o prédio e, claro, vendo a comunidade, deu pra perceber que a escola primeiro tinha que atender à comunidade longe das praias, tá?! A escola com uma quadra belíssima, com uma vista que tem lá de cima e eles... a primeira coisa que eles pediram foi a quadra de esportes, que eles queriam fazer um campeonato. Eu imediatamente falei: “Quero saber o responsável, se tiver o responsável eu abro sábado, domingo, tudo”. Já apareceu o responsável...

E tem uma coisa, aquele prédio nunca foi depredado, e eu acho que foi por causa disso, entendeu? O aluno, a comunidade, sentiram que a escola era deles, para eles... (L.)

Ou seja, segundo a Prof^o Lúcia Tamiko, a escola foi instalada no Morro do São Bento para que os alunos deixassem de freqüentar as escolas da Santos de

²³ Segundo a nomenclatura anterior: 1º e 2º graus.

baixo. E eles valorizaram a escola, aceitando o chamado, transferindo-se, então, para a recém-criada Escola do Morro.

Percebe-se, assim, que: tanto na manifestação da Comunidade em relação à necessidade de uma escola no Morro do São Bento; no empenho da primeira Diretora e de seu corpo de professores no processo de instalação da escola; no envolvimento dos moradores que passaram a constituir o corpo administrativo da escola, como, também, e principalmente, no fluxo de matrículas iniciais dos alunos, tanto para as turmas diurnas, como para as noturnas, a valorização dos **valores intelectuais**, ou seja, dos **valores do conhecimento**. Daqueles valores que integram o conjunto de responsabilidades da escola e lhe dão a sua especificidade, já que compete à escola, enquanto instituição social criada para formar as novas gerações pelo e para o conhecimento, para sua integração no todo social.

Enfim, se à escola compete operar a organização e a culminância dos processos de ensino e de aprendizagem, ela, obrigatoriamente, efetiva suas ações a partir dos valores do conhecimento. E foi isso que pudemos perceber no empenho de implantação da EE João Octávio dos Santos, no Morro do São Bento.

E hoje, como as coisas estão? Uma das professoras efetivas da escola, em resposta ao questionário por nós aplicado, assim avaliou a escola: “Ótimo local de trabalho, funcionários aplicados e a maioria dos professores procuram melhorar a qualidade de ensino para despertar a capacidade de buscar seu próprio conhecimento”. (Questionário 1).

A professora participante da pesquisa ressalta a persistência, até o presente, do mesmo empenho conjunto, de funcionários e de “alguns” professores, para a melhoria da qualidade de ensino e visando à busca mais efetiva do conhecimento.

Adiante, em seus comentários, a professora explicita o envolvimento parcial dos professores, ao avaliar a relação entre os vários componentes humanos da escola: “Há um intercâmbio muito bom; as pessoas se respeitam e procuram conduzir a escola da melhor maneira possível. Como em todo local, há divergências; porém, nota-se a preocupação em resolver os problemas de forma pacífica”. (Questionário 1).

A funcionária – membro da Comunidade do morro – que também participou da pesquisa acrescenta o seguinte comentário, acerca da relação entre os vários elementos humanos da escola: “Como em todo espaço com grande contingente humano, há grupos com intenso entendimento, outros que discordam e se isolam; mas, de um modo geral, existe uma cumplicidade entre todos”. (Questionário 2).

Ambas reconhecem, enfim, que há divergências, discordâncias, mas busca-se o entendimento para a solução pacífica dos problemas do cotidiano escolar.

Voltando ao depoimento da primeira Diretora da escola – Professora Lúcia Tamiko – uma de suas preocupações fundamentais era a abertura do maior número possível de salas de aula, para que os alunos deixassem de freqüentar outras escolas do centro da cidade ou dos outros morros. E com a abertura do turno noturno, o objetivo era chamar aqueles que não estivessem estudando, incorporando-os no processo de busca sistemática do conhecimento que a

escolarização possibilita. A resposta da Comunidade foi positiva: os alunos atenderam ao chamado da escola.

E até hoje, os alunos reconhecem **a escola como um lugar da construção do conhecimento**. Nas redações produzidas por 17 alunos da 5ª série E e 61 alunos das 6ªs séries C e D²⁴, aparecem as seguintes referências à EE João Octávio dos Santos, no que concerne aos valores do conhecimento (aspecto cuja análise está sendo enfatizada neste item de nosso trabalho):

A escola:

- Ensina mais...
- Ensina lições...
- (Tem) professores excelentes...
- Legal, ensina muito, educa, passa os conteúdos...
- Ajuda a pensar...
- Tem bons professores que ensinam bem...
- Tem ensino forte...
- Ensina de maneira correta...
- Aprendizado excelente...
- Tem boa biblioteca...

²⁴ O total de 78 alunos que participaram dessa parte da pesquisa estão cursando as séries referidas neste ano de 2007. A atividade foi proposta e executada entre 13/02 e 28/02/07.

Enfim, pelo menos os alunos que participaram da pesquisa, enfatizam a importância da escola no exercício de sua tarefa de ensinar, de promover condições para o aprendizado por parte dos alunos, reconhecendo, também, a boa performance de seus professores.

Mas, vejamos, ainda, quais são os demais valores presentes no cotidiano da EE João Octávio dos Santos e nas suas relações com a Comunidade do Morro do São Bento.

2. A presença dos Valores da Afetividade (na relação Escola/ Comunidade)

O atual Diretor, Professor Clineu, quando assumiu a Direção da escola, nos contou que a Comunidade o recebeu de braços abertos. Falou de Dona Alzira – filha de Dona Maria, a senhora que instalou e administrou, por muito tempo, a Hospedaria dos Imigrantes no Morro do São Bento – que o recepcionou, quando de sua chegada à escola do Morro, como Diretor:

... Essa senhora foi uma das pessoas que veio me receber, depois que me foi designada a escola. Foi a santa que estava esperando aqui sentada, essa Dona Alzira... esperando de braços abertos, engraçado isso, não é? Ela foi a pessoa que estava sentada esperando para me dar um abraço de boas vindas! Nossa uma gracinha, ela me ajudou muito nas necessidades que nós tivemos de recursos, não só ela, como a comunidade; e ela estava aqui de braços abertos. Foi, então, a primeira pessoa que me recebeu aqui na escola. Estava sentada aqui e falou: “eu vim te receber, de braços abertos”. Uma pessoa maravilhosa, não só ela, como muitas mães, pais estavam aqui no dia... (C.)

Segundo o Professor, a comunidade esteve, portanto, presente em sua chegada, para lhe desejar boas vindas. E isso o emocionou:

... falaram que eu era muito bem quisto aqui no morro pelo fato de já ter trabalhado [em outras escolas próximas]... as pessoas já me conheciam da Vila Progresso, do Alzira e foi até engraçado, foi emocionante, porque eu não esperava isso: estavam aqui, acho que vinte pessoas do morro, pais da comunidade vieram me falar que o que eu precisasse aqui na escola, eles estariam de braços abertos. (C.)

O Professor Clineu já havia trabalhado no morro, como professor, anos antes de assumir a Direção da escola. Então:

... na primeira semana em que eu estava aqui como diretor, muitas mães, muitas crianças viram fotos minhas de 1998/99, com os pais deles que foram meus alunos; engraçado, não é? Vieram trazer essas fotos para mostrar, de certa forma, como eu estava sendo bem recebido aqui dentro. (C.)

Como podemos perceber, membros da própria comunidade, acolheram o novo Diretor da escola, já conhecido de muitos dentre eles. E fizeram isso no começo de sua gestão, como forma de lhe desejar boas vindas e de se colocarem à disposição para um trabalho conjunto, integrado. Essa manifestação de carinhosa acolhida denota a presença de **valores afetivos**, que, como todos sabemos, são fundamentais à criação de redes de boas relações sócio-comunitárias, bem como de relações educativas e pedagógicas de boa qualidade.

A Professora Lúcia Tamiko também indicou a presença, desde o período de instalação da escola, dos **valores afetivos**, que expressam o empenho de **acolhimento** e de **solidariedade**:

... A inauguração foi feita em agosto de 1978, ano eleitoral, quem veio foi, naquela época, não foi o secretário, estava em plena greve... Nós conseguimos fazer um churrasco para todos, inclusive para a comunidade. A Sociedade de Melhoramentos me ajudou muito, gente... mas, o que tinha de povo ali dentro! . (L.)

Dona Lucinha – como a professora é carinhosamente chamada por seus colegas da rede pública estadual – afirma que sempre falou muito bem da EE João Octávio dos Santos aos colegas que lhe pediam informações da escola:

... eu vim para a Diretoria (de Ensino)... em final de 1978; eu instalei a escola e, no final do ano de 1978, o Delegado de Ensino, naquela época, o professor Romualdo, me chamou para uma substituição de licença prêmio, finzinho de 1978. E a partir daí todas as informações que pediam da escola nova: “O João Octávio fica longe? A escola é boa? Eu dizia: –” Gente, vocês não sabem o que é aquela escola, bem melhor do que muitas escolas aqui debaixo, inclusive com referência à clientela, tá? Inclusive a clientela da escola”. Quando os professores reclamavam se os alunos eram malcriados, eu falava: – “não, não tem disso não, eles entendem as necessidades da escola, só que a gente, também, tem que estar bem aberta para entender tudo isso, tá?” (L.)

Ou seja, a Comunidade do Morro recebeu a escola, de que tanto necessitava, de braços abertos, auxiliando, no que foi possível, e necessário, em sua instalação. Na fala de Dona Lucinha vê-se, então, um chamamento para que os professores entendessem as necessidades daquela clientela e para a valorização das características específicas daquela comunidade. Há, em suas observações, portanto, uma inegável e importante carga afetiva. Como já indicamos antes, parece-nos que os **valores da afetividade** permearam, de modo significativo, o momento de implantação da EE João Octávio dos Santos.

Mas, vejamos como os atuais alunos evidenciam a presença dos **valores da afetividade** no cotidiano escolar. Segundo eles, a **Escola**:

- É boa e divertida...

- Tem mais brincadeiras...
- É grande e bonita...
- É legal...
- É boa em relação aos amigos e aos professores...
- Ajuda a ser uma pessoa melhor...
- Ajuda a pensar, brincar, aprender...
- Tem professores legais e divertidos...

Estão presentes nos textos dos alunos, conceitos tais como: **alegria, diversão, brincadeira, amizade (entre colegas e com os professores), beleza, ajuda** etc. Enfim, todo um conjunto de proposições em que há a **manifestação de afetividade**. Embora estes não sejam os valores mais marcantes no universo escolar, em determinadas escolas eles se presentificam mais do que em outras. E, ao que tudo indica, isso ocorre na da escola aqui estudada.

Uma parte do depoimento de Dona Lúcia Tamiko expressa, mais uma vez, o **vínculo afetivo** que havia entre os membros da escola:

... Sabe, era uma coisa, um entrosamento, uma parceria, era de uma harmonia muito grande, muito grande mesmo, eu quase morava na escola, porque naquela época o transporte era difícilimo, então só tinha perua e eu ia de manhã e é lógico, tinha que vir para o almoço, para voltar à noite, né? No final da história, eu pegava aquelas peruas, só tinha perua naquela época, todas lotadas que já vinham de cima lotadas, então não paravam embaixo. Eu, então, ficava até às 2h30, 3h, aí que eu conseguia descer. Aí, eu sempre brincava, eu dizia que almojavava: chegava em casa tomava um banho, jantava e tinha que subir pro período da noite, tá? E manhã, o período da manhã, na entrada, e o período da noite, nós tínhamos uma perua que nós contratamos para subir de manhã e descer à noite. Então,

olha, o corpo docente, mas num entrosamento, meu Deus! Eu adivinhava o pensamento deles e eles adivinhavam o meu pensamento. Só que era assim, por exemplo, o horário escolar eu sempre fiz todo na escola, eu sempre fiz o horário escolar e eles diziam assim: “Mas que bom, eu venho nesse dia aqui, eu venho com fulano!”. Eu dizia: “Esse horário foi feito para quê? Porque eu sabia que você vem com fulano; vocês três vêm no mesmo carro, então procurei encaixar vocês”. E eles, também adivinhavam os meus pensamentos, sabe gente, um entrosamento!... (L./ Grifos nossos).

Parece que desde o início da EE João Octávio dos Santos criou-se, entre os membros da unidade escolar, um clima de colaboração, de amizade, de solidariedade – talvez a mesma solidariedade que havia no Morro, desde a época de sua colonização, conforme analisamos no Capítulo 2 desta Dissertação. E, segundo atestaram os sujeitos desta pesquisa, esse clima afetivo, construído cotidianamente, ainda que a duras penas, persiste até o presente.

Mas, continuemos nossas análises, procurando verificar como aparecem os **valores éticos ou morais** no contexto da pesquisa aqui apresentada.

3. A urgência social dos Valores Éticos ou Morais

É possível afirmar que no caso de escolas “de periferia”, que estão em regiões mais carentes, como é o caso do Morro do São Bento, a prioridade talvez seja mesmo o trabalho com os **valores éticos ou morais**. Aliás, isso nos foi indicado nos questionários respondidos – por uma professora, uma funcionária da escola e um membro da comunidade do Morro do São Bento.

Ao propormos que as participantes da pesquisa, que responderam ao questionário, avaliassem quais seriam os valores mais importantes e que deveriam ser prioritariamente trabalhados naquela realidade, todas assinalaram os **valores éticos ou morais** (relativos à formação dos alunos como cidadãos), deixando de lado os **valores intelectuais** (relativos ao conhecimento e à capacitação intelectual dos alunos), os **vitais ou afetivos** (relativos à formação dos alunos para as relações humanas e sociais) e os **úteis ou econômicos** (relativos à formação dos alunos para o trabalho).

Convém esclarecer que poderiam – e talvez devessem, mesmo – fazer múltiplas escolhas. Duas das participantes dessa etapa da pesquisa não consideraram essa hipótese. Apenas uma delas registrou a importância de: “todos [os valores] acima citados para a formação total do homem”.

Com isso queremos afirmar que, em verdade, a formação e o desenvolvimento dessas crianças e jovens deve sempre se dar com base nos valores éticos ou morais; mas também compete à escola a formação intelectual desses alunos, a partir de um desenvolvimento afetivo saudável, num ambiente de sociabilidade solidária, respeitosa, coletiva – no sentido mais pleno do termo. E, especialmente no que diz respeito aos alunos dessas camadas mais pobres da população, os **valores úteis ou econômicos**, são extremamente importantes, na medida em que dizem respeito à formação para o trabalho, para o desenvolvimento da atividade econômica, que provê o nosso sustento, que garante as condições básicas de nossa existência, como afirmou Dermeval Saviani (1982, p. 39-44) com tanta propriedade.

Não seria, pois, o caso de se reforçar esses **valores úteis ou econômicos**? Por que, então, os **valores éticos ou morais** se sobrepõem, pelo menos na pesquisa que fizemos?

No entanto, as respostas ao questionário evidenciaram a priorização dos **valores éticos ou morais**. E isso é significativo, levando-se em conta que os mesmos foram respondidos por moradores do Morro do São Bento, dentre estes: uma professora e uma funcionária da escola; sendo a outra participante, uma comerciante local e líder comunitária. Portanto, todas as participantes da pesquisa são pessoas cientes das necessidades mais fundamentais de sua comunidade.

Quando solicitamos que avaliassem a Comunidade do Morro do São Bento, as respostas foram as seguintes:

As pessoas se conhecem, são alegres, procuram o bem estar da comunidade, organizam-se em Sociedades de Melhoramentos. Porém, por falta de conhecimento, ainda não perceberam o problema do lixo, que indiretamente está [ligado] à questão da saúde, uma vez que certas endemias são resultantes desse descuido com o lixo. (Questionário 1).

A nossa comunidade é um excelente lugar de se viver. Falta é a formação cidadã, onde as pessoas aprendam a exigir os seus direitos, como também cumpri com os seus deveres sendo verdadeiros cidadãos. Assim integrados à sociedade, vão perceber quantas coisas lhes são negadas. Ex: lazer, cultura, educação digna, espaços sociais para crianças, adolescentes e principalmente para os idosos. (Questionário 2).

[A comunidade] Está ficando boa. (Questionário 3).

Há, portanto, uma reivindicação de **formação da consciência de cidadania**; do **trabalho sobre os direitos e os deveres do cidadão**; de **conhecimentos** que possibilitem a todos – tanto às crianças e jovens que freqüentam a escola, como aos demais moradores do Morro do São Bento – a **percepção do que têm e do que lhes falta**, e, principalmente, que os **instrumentalizem para a luta por uma vida melhor**.

Por isso, reivindicam e buscam construir uma **escola cidadã**, que: “... tivesse mais união... mais entrosamento com a comunidade” (Questionário 3). Porém, segundo outra participante desta etapa da pesquisa: “Ainda falta muito para essa relação – escola/comunidade – acontecer de fato. Acredito que quando os moradores se apropriarem do conhecimento cidadão entre escola X comunidade e qual é o papel da escola cidadã em relação à comunidade” (Questionário 2).

Dona Lucinha, a primeira Diretora da EE João Octávio dos Santos, fez o seguinte depoimento, abordando o tema aqui referido a partir de suas vivências no período de implantação da escola:

... eu me lembro que a parte de cima, o 2º andar, nós não usávamos... e eu, às vezes, ficava no 2º andar, à noite, lá de cima, com a luz toda apagada, olhando o pátio, para orientar também aqueles alunos, porque eu tinha denúncias, muitas pessoas lá do morro falavam: “vão tentar passar a grade”. Aí eu pensei, eu tenho que ficar atenta para tudo o que vai acontecer aqui.

... É uma escola nova, eu tenho que entrar nas salas e falar com eles: a escola foi criada para isso, para isso e para isso. E eu fiz isso mesmo, porque eu percebi, no 1º dia, que eles invadiram o prédio. O portão abriu, eles invadiram. A partir daí, eu tive que arrumar uma forma para organizar a entrada dos alunos, até fila eu coloquei e respeitaram.

... Tanto é, que lá, nunca quebraram vidros, nunca... Não sei como está hoje, nunca picharam, e isso daqui eu vejo que é respeito à escola, que a escola, na verdade, está atendendo a todos os anseios da comunidade. E eu sou fã para falar. (L.)

Como se pode ver, pela experiência da primeira Diretora da escola, comportamentos problemáticos, invasivos, manifestações de tendência destrutiva, existiam desde o início dessa instituição escolar. Mas, a Diretora tomou os cuidados, as atitudes necessárias, para o enfrentamento e resolução das situações-problema. E, especialmente, como ela mesma afirma, usou a estratégia do diálogo, que é fundamental a todo empenho educativo. Assim como também se manteve presente, como autoridade educativa, organizando os momentos de entrada e de saída dos alunos. Vemos, assim, o quanto a presença e a postura do educador – seja ele Diretor ou Professor – são fundamentais no sentido da proposição e vivência dos valores éticos.

Como todos já sabemos, **ética não se ensina, ética se vivencia**, ou não. Lílian do Valle (2001, p. 181), no artigo em que aborda essa questão da possibilidade do ensino da ética, afirma que:

A tese de que a formação ética não resulta de ensinamentos elaborados e teóricos, mas da *prática*, é, como podemos verificar de imediato, crucial para a educação, muito embora, contrariamente ao que ocorreu entre os gregos do período democrático, nossa época a tenha quase relegado ao esquecimento.

Segundo a autora (VALLE, 2001, p. 175) a formação ética dos futuros cidadãos sempre esteve atrelada à ação educativa; especialmente desde que esta deixou de ser uma prática privada, exercida de forma espontânea no cotidiano

social. Na Antigüidade grega, portanto, desde que se tornou atividade social explícita e refletida, a educação participou, decisivamente, da construção de uma nova *polis*, com a incumbência de realizar uma ação política através da formação ética dos futuros cidadãos. Além disso, a partir da Modernidade a tarefa de formação ética para a cidadania associou-se à invenção da escola, especialmente ao sentido de escola pública tal como o conhecemos até o presente.

Assim, hoje a ética ressurgiu nos debates sobre a educação escolar e as funções formadoras da escola. E, especialmente, nas iniciativas oficiais sobre a educação – como foi o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em que a ética foi introduzida como um dos Temas Transversais que deveria percorrer todo o currículo escolar. A entronização dos PCN foi justificada pela necessidade de adequação da educação ao momento histórico atual, marcado pelas mudanças econômicas e sociais. Para tanto, veio à tona a discussão desse processo de formação para a cidadania e, em seu bojo, a questão dos valores, especialmente dos valores éticos ou morais.

Enfim, é possível ensinar a ética através dos conteúdos escolares? Como garantir que tais conhecimentos sejam efetivamente introjetados pelos alunos? Incorporados em sua linguagem? Postos em prática em seus comportamentos? A obrigatoriedade legal da presença dos temas éticos nas discussões pedagógicas determinará o comportamento ético de alunos e professores, ou mesmo dos funcionários, Diretor, Coordenadores Pedagógicos da escola?

Consideramos que isso não ocorre de forma mecânica. É mais fundamental do que ensinar discursivamente o que é ético ou não, o que é moral ou não, é vivenciar a ética, a moral, os valores, no cotidiano da escola.

Então, se você é um educador que tem **compromissos, lealdade, honestidade**, por exemplo, se você vive esses valores éticos fundamentais para a construção da cidadania democrática, se dá esse exemplo para os seus alunos, então você forma sujeitos éticos. Agora, se você não vive isso, se a escola não vive esse clima ético no cotidiano das suas ações, a ética, a moral e os valores ficam ausentes do espaço escolar. Assim, então, não se é respeitado e não se respeita.

Sobre esse tema do respeito, o Professor Clineu Parise Filho, atual Diretor da EE João Octávio dos Santos, conta-nos o seguinte:

Eu, sempre que entro em sala de aula para conversar com os alunos, eu sempre falei e sempre falo, eu não admito duas coisas aqui dentro da escola, este é meu dilema com eles: falta de respeito com o professor, funcionários, colegas e brigas. O restante a gente negocia, mas eu não admito o desrespeito com o ser humano. Se vocês querem ser respeitados, vocês têm que aprender a respeitar. (C.)

Percebe-se, em sua fala, que o Diretor indica dois movimentos muito importantes em termos de educação: estabelece **limites** e abre um **espaço de negociação**. É necessário considerar que, do ponto de vista da educação, trabalhar com essas duas dimensões é fundamental: você respeita, estabelece limites e convida ao diálogo. Você diz: pode vir até aqui, a partir daqui não pode; ou seja, isso você não pode, nem deve, o mais a gente negocia. Então, com esse

posicionamento abre-se um espaço para a negociação, e o que é mais importante, você chegou a essa possibilidade de negociação porque, antes, abriu espaço para o diálogo, construiu um espaço de interlocução.

Só assim é possível administrar uma escola com mil e setecentos alunos, como o Professor Clineu parece estar conseguindo atualmente! E ele continua a explicitar sua posição ao mesmo tempo **ético-afetiva**:

... Muitas vezes as pessoas de fora presenciavam algumas atitudes das crianças pequenininhas – porque muitas vezes os alunos não me chamam como diretor, eles me chamam de Kiko. “Mas poxa! Você é!”, as mães falam, “você é o Diretor. Tinham que chamar de diretor!”. Eu digo: “não, para respeitar não precisa chamar diretor, você pode chamar de Kiko, mas com respeito e isso eu tenho deles, porque eu sempre os respeito!”. Então, eu sei que é um Kiko, com respeito, com carinho. Isso para mim é fundamental.

... Muitas vezes eu acho que há situações em que, é óbvio que você vai ter que se colocar. Mas uma criança não sabe disso, mas sabe te respeitar. E não é pelo fato de falarem senhor, ou não, eu sinto que quando eles nos chamam de professor, de Kiko, mas é com respeito, então está tudo bem. Essa liberdade eu dou para os alunos, porque eu sei que eles me respeitam, porque há um diálogo... (C.)

Durante a entrevista com o Professor Clineu, discutiu-se, veementemente, sobre a necessidade de limites para que o processo educativo aconteça. Considerou-se a importância de que a criança tenha noções de limites desde a mais tenra idade, e mantenha isso até a idade adulta – uma vez que, enquanto vivemos sempre estaremos em situação de educabilidade.

Outra questão também de extrema importância, tratada durante essa entrevista, é sobre a importância da afetividade, do carinho, segundo afirmou o entrevistado. Em seu depoimento ficou claro que a dimensão afetiva parece dar

sustentação a todo o trabalho na escola – tanto no sentido pedagógico, como no administrativo. Ou seja, parece que – pelo depoimento do atual Diretor da EE João Octávio dos Santos – vem se estabelecendo, nesta escola, uma relação de carinho, de afetividade, de compromisso e de respeito: eu te respeito e você me respeita também; mas não é nada impositivo, muito pelo contrário, é propositivo: “...Você pode até aqui e a partir daqui a gente pode negociar”, é o lema do atual Diretor.

Trabalhando atualmente com cerca de oitenta professores na EE João Octávio dos Santos, o Professor Clineu confirma, também aí, a importância do respeito aos limites:

E... com os professores, também. Quando eu converso com os professores eu deixo bem claro que o diretor muitas vezes é obrigado a tomar algumas atitudes a contragosto, porque alguns limites se impõem aqui dentro e eu sempre conversei com respeito [...]. Independente da amizade [...], aqui eu sou o diretor, você não pode misturar as coisas. Porque é o que eu falo sempre para os professores. Eu, como professor, procuro ser muito correto, sempre cumprir com as minhas obrigações. E enquanto passei pela oficina pedagógica eu sempre cumpri com as minhas obrigações, sempre fui muito correto nas coisas, sempre dei o máximo de mim. Enquanto vice-diretor também, e o mesmo enquanto diretor. Então se eu exijo algumas coisas é porque eu posso, porque eu já passei e eu nunca tive nada que pudessem falar a meu respeito, enquanto ser humano, enquanto pessoa. (C.)

Assim, então, a conjugação dessa dimensão afetiva com as vivências ético-morais na escola, propicia um clima institucional favorável ao diálogo e à compreensão conjunta – e sempre que possível consensual – das situações vividas na escola.

E os alunos, como reconhecem a presença ou a falta desses valores éticos ou morais na escola? Segundo eles, a escola:

- Ajuda a aprender a respeitar
- A promover ajuda comunitária
- Ajuda a ser cidadão
- Ensina o que podemos fazer ou não
- Ajuda a dar um futuro melhor para o adolescente
- Ajuda a entrar na faculdade
- Ajuda a ter emprego (100% dos alunos, que participaram da atividade, têm a esperança de sair da escola já trabalhando)
- Ajuda na formação do caráter e dá boa educação por causa dos professores

No entanto, segundo os alunos, na EE João Octávio dos Santos ainda falta:

- Mais respeito pelos professores e funcionários
- Mais disciplina e melhor comportamento
- Diminuir a violência e a bagunça
- Perder o preconceito
- Melhorar no recreio, quando o assunto é o respeito pelos funcionários

- Ser mais organizada (a escola)

Pode-se notar, então, no texto dos alunos, a presença de temas como: **respeito, ação e ajuda comunitária, formação para a cidadania, noção de dever/obrigação, formação do caráter, preocupações com a vida futura, com os estudos superiores, com a profissionalização**. E a consecução disso é atribuída à ação da escola. Ao que tudo indica, isso parece significar o reconhecimento da importância da educação ali recebida e, embora não haja uma clara formulação nesse sentido: parece haver, também, o reconhecimento dos valores e valorações presentes no cotidiano escolar, nas vivências que os alunos têm naquele ambiente educativo, nas relações entre seus pares e com os demais componentes do universo escolar.

Mas, é importante notar, também, a presença do **senso crítico**, por parte dos alunos. Eles reconhecem que há falhas na organização e no funcionamento da escola – e como seria possível que não houvesse?! Enfim, há lacunas que precisam ser preenchidas e problemas a serem resolvidos. Parece-nos, enfim, que há um clima ético/moral adequado na EE João Octávio dos Santos. Um clima propício ao desenvolvimento da eticidade/moralidade no interior da escola, como foi possível notar por meio das manifestações dos profissionais e alunos da escola que participaram desta pesquisa.

Segundo a visão de um dos filósofos da educação brasileira que atualmente nos tem brindado com reflexões, das mais significativas e contundentes, sobre a ética, a moral e a educação – Pedro Goergen (2001 a/b) –, a recente retomada do

debate ético, na sociedade como um todo, e especialmente no âmbito educacional, não representa uma vitória da tradição filosófico/educacional. Ou seja:

O horizonte das questões éticas tradicionais deve ser reapropriado, mas com a diferença de que isso não é mais possível com os mesmos recursos teóricos e nem na perspectiva das seguranças então aceitas. O vazio aberto entre a persistência da preocupação ética e o abandono das abordagens tradicionais precisa ser preenchido novamente com reflexões que decorrem do transformado ambiente contemporâneo. Não se trata da elaboração de um novo *cânon* de valores e expectativas capazes de orientar a prática pedagógica, mas da aproximação reflexiva ao problema, seus paradoxos e perspectivas (GOERGEN, 2001a, p. 151).

O autor citado chama-nos à reflexão crítica sobre e a partir dos problemas concretos, vivenciados no cotidiano da escola, em termos dos comportamentos ético/morais, fundamentalmente, muito mais até do que em termos da discussão sobre os conceitos concernentes à ética e à moral. Consideramos que, nesta parte da Dissertação, especialmente, isso ficou constatado pela análise dos depoimentos resultantes das entrevistas, dos questionários e das redações dos alunos.

Mas vejamos, mais diretamente e um pouco melhor, como vem se construindo a relação Escola – Comunidade, no que concerne ao trabalho com os valores.

Segundo afirmou a Professora Lúcia Tamiko – em um momento de seu depoimento a que já nos referimos anteriormente – a EE João Octávio dos Santos foi instalada no Morro do São Bento, em atendimento à demanda da população local.

Quando lhe perguntamos se ela considerava que, desde o início da implantação da escola, houve uma certa preocupação de integrar valores – os valores do conhecimento, os valores da sensibilidade, os valores comportamentais. Ou seja, até que ponto a escola leva em conta, ao realizar seu trabalho educativo, os valores da comunidade?

A depoente assim respondeu:

Ah! Sim! Primeiro por causa da própria localização, né? Ali nós temos a escola, temos a igreja e temos o posto policial... Por exemplo, a missa da primeira formatura foi feita na escola, tá? Claro, primeiro porque não iam caber todos os formandos, familiares tal, naquela capela. Então, nós trouxemos para a escola, foi feita a missa, foi feita a entrega de certificados, também a sessão solene foi feita lá no próprio prédio. E havia o entrosamento, as atividades todas da Igreja, também, o catecismo também nós fazíamos no nosso prédio, cedido. Mas tinha sim uma participação, uma parceria, então, dentre todas as instituições lá da comunidade. E com a polícia, eles, por exemplo, daquele posto policial, os PM, às vezes eles ajudavam até a lavar o prédio. (L.)

Dona Lucinha acrescenta:

Naquela época era só 1º grau, não tinha o ensino médio, o ensino médio foi instalado [...] em 1982 foi instalado o ensino médio... Mas, vendo o prédio e, claro, vendo a comunidade, deu pra perceber que a escola primeiro tinha que atender à comunidade longe das praias, tá?! A escola com uma quadra belíssima, com uma vista que tem lá de cima e eles, a primeira coisa que eles pediram foi a quadra de esportes, que eles queriam fazer um campeonato. Eu imediatamente falei: – “Quero saber o responsável, se tiver o responsável eu abro sábado, domingo, tudo”. Já apareceu o responsável... Apareceu o responsável. E tem uma coisa, aquele

prédio nunca foi depredado, e eu acho que foi por causa disso, entendeu? O aluno, a comunidade, sentiram que a escola era deles, para eles, tá? E eu achei que eu tinha que colaborar.

E o noturno, na verdade eu fiquei no noturno, primeiro é uma escola nova então eu tinha que passar para os alunos também, há... Porque a escola foi instalada no Morro do São Bento, porque eles não continuaram lá embaixo, e para eles valorizarem também a escola...

Tanto é que lá, nunca quebraram vidros, nunca... não sei como está hoje, nunca picharam, e isso daqui eu vejo que é respeito à escola, que a escola, na verdade, está atendendo a todos os anseios da comunidade.

A inauguração foi feita em agosto de 1978, ano eleitoral, quem veio foi, naquela época, não foi o secretário, estava em plena greve, plena greve, nós conseguimos fazer um churrasco para todos, inclusive para a comunidade. A Sociedade de Melhoramentos me ajudou muito, gente... mas o que tinha de povo ali dentro! (L.)

A primeira Diretora da EE João Octávio dos Santos considerou, como elementos que denotam a integração escola – comunidade, por exemplo: a proximidade entre escola, igreja e posto policial; o empréstimo do prédio da escola para a igreja (solenidades, catecismo etc) e para a comunidade (campeonatos esportivos, uso da quadra aos finais de semana); ou mesmo, a presença de membros da comunidade em solenidades da escola (como no caso do churrasco de sua inauguração).

Parece-nos que estamos diante de exemplos de situações de convivência, que até podem indicar uma certa integração entre a escola e a comunidade, mas não obrigatoriamente indicam uma ação conjunta em termos de valores, como perguntamos à Professora Lúcia. Nossa intenção era saber se houve, à época da implantação da escola no Morro do São Bento, algum tipo de ação conjugada, da escola e da comunidade, em função das principais carências da população, fossem elas de ordem intelectual, moral, social. Mas, o entendimento da questão proposta

ficou ao nível da consideração da **demanda da escola** – para que os alunos não tivessem que descer o Morro para ter aulas – ou, ainda, da consideração de que a **falta de ações violentas** (quebra-quebra, depredações do patrimônio da escola) seria indicador de uma integração de valores. E nem sempre o é!

Muitos fatores podem explicar essa atitude da comunidade de “**relativo respeito à escola**”: por exemplo, o medo de punição, a indiferença, a manifestação de uma postura alienada, a falta de compreensão do que representa uma escola no Morro, ou até mesmo uma atitude de gratidão pelo fato de terem uma necessidade sua considerada e o decorrente respeito, não ao patrimônio do estado, mas à escola que é da comunidade.

Lembremos que a Professora Lúcia nos contou que os primeiros funcionários da escola, aprovados em concurso público, eram moradores da Comunidade do Morro do São Bento:

... eu me lembro que a escola iniciou com sete serventes do próprio Morro, da própria comunidade. Hoje, eu não sei se são lá a Madalena, a Jurema, a Regina [...] Continuam lá, desde 1978... Nós abrimos o concurso e eles foram, fizeram a inscrição, moravam lá, foi ótimo...ótimo, ótimo mesmo! (L.)

Consideramos que esse é um dos mais efetivos fatores de integração: a presença não só dos alunos, mas, também, de membros da comunidade no corpo administrativo e docente da escola. E essa marca a EE João Octávio dos Santos tem. Inclusive, como já esclarecemos anteriormente, tivemos a oportunidade de ter como participantes desta pesquisa, uma professora e uma funcionária da escola,

que até o presente residem no Morro do São Bento. Vejamos, então, como elas, hoje, percebem a relação entre a escola e a comunidade da qual pertencem:

A escola oferece o espaço para os eventos da comunidade. Porém, poderia ser melhor trabalhada [a relação escola-comunidade], pois deve-se não somente ceder, mas avaliar os resultados e corrigir [...] Tanto escola como comunidade necessitam muito dos órgãos públicos para melhor andamento das questões ambientais (lixo, preservação das encostas), trânsito (entrada e saída dos alunos), lazer (melhor espaço para as crianças pequenas no bairro e na escola); pois a escola é a primeira parte para o mundo de um cidadão. Se as pessoas que a formam tiverem essa consciência, com certeza teremos melhores pessoas amanhã, mais conscientes, transformadores da sociedade. (Questionário 1).

Ainda falta muito para essa relação – escola/comunidade – acontecer de fato. Acredito que quando os moradores se apropriarem do conhecimento cidadão entre escola X comunidade e qual é o papel da escola cidadã em relação à comunidade. Quando de fato os pais se apropriarem do saber: o que é um equipamento público, Associação de Pais e Mestres, Conselho de Escola, Grêmios Estudantil, Parceria Escola e Comunidade. (Questionário 2).

E, ainda, mais uma reivindicação, esta, agora, direcionada às Universidades:

Que as Universidades em geral colaborassem com as comunidades tornando os estágios de seus alunos obrigatórios em comunidades carentes, fortalecendo as ONGs, escolas, entidades de bairro, favorecendo o crescimento da cidadania. (Questionário 2).

É possível perceber que a visão que a funcionária e a professora da escola – também moradoras e membros da comunidade do Morro do São Bento – têm, da relação escola – comunidade, é mais realista do que a visão da primeira Diretora entrevistada. Talvez porque suas posições estejam fundadas nas experiências concretas vividas num presente, que – de um modo geral, mundial, nacional – mostra aspectos diversos da crise que se intensifica a cada dia mais e que afeta,

sem dúvida, a vida de todos – não só dos moradores do Morro aqui estudado – e de todas as escolas, não apenas da EE João Octávio dos Santos.

Dona Lucinha fala de um passado, não muito remoto – há mais ou menos três décadas – em que as circunstâncias sociais eram outras e, portanto, permitiam outras relações entre escola – comunidade:

... Então, gente, eu que instalei aquilo ali, eu sei o trabalho que deu para instalar, porque nós não tínhamos nada... A gente tem que pensar nisso: ninguém deu cesto de lixo pra nós, só que eram vinte salas de aula, e as salas de aula tinham que ter cestos de lixo, e nós fizemos uma campanha. E a campanha... acho que era de um cruzeiro, não sei... Todas as salas passaram a ter cestos de lixo, tá? Eu acho, assim, quando há envolvimento da comunidade, e tal, eu acho que eles valorizam. Se você coloca o cesto de lixo ali, eles são capazes de chegar e chutar, mas vão pensar: “Meu dinheiro está aqui, também. A campanha é nossa, é campanha da comunidade”. Então, valorizam. (L.)

Questionada, mais uma vez, se hoje ela considera que essa escola tem uma integração de valores com a comunidade, Dona Lucinha acrescentou o seguinte:

*São os **valores [da comunidade]**, que, na verdade, a gente tem que perpetuar...*

Hoje, eu sou sincera de falar, eu depois de algum tempo, eu fui lá. Não reconheci a frente do prédio... fiquei olhando o prédio... Inclusive, fiquei muito preocupada, porque aquela escada, aquela escada externa que dava praticamente para a rua, aquela escada tem um nome, é escada salva-vidas, e embutiram a escada no prédio. Então, quem descer por aquela escada, outra vez vai dar no prédio. E ela dava, praticamente, na rua... por motivos de segurança. Mas eu não sei... eu sou franca em falar, se eu continuasse lá, se dependesse de mim, não deixaria fazer aquela reforma que foi feita, inclusive a diretora da época quando eu fui lá, disse assim prá mim: “nós estamos procurando colocar aquele tipo de ventilador...”. Eu olhei (a escola) e falei: – “Aqui?! Gente, nós tínhamos que fechar as portas por causa da ventilação!...”. Não sei se você percebeu que fecharam quase o pátio...

Por isso que eu estou falando, hoje, eu só faço restrição à reforma que foi feita no prédio, tá? Mas, tendo em vista que essa direção já está há dois anos, certo? E dá para perceber, também, que o Clineu é uma pessoa alegre e tal, e é também uma pessoa bem aberta... A gente sempre vê o Clineu contente, claro, tem lá os seus problemas, mas olha, desde que colocaram Ensino Médio, colocaram o EJA, colocaram tudo, eu acho que, cada vez mais o João Octávio é uma escola, vamos dizer, de universalização ali mesmo no ensino do Morro do São Bento. Não tem outra... Porque ali era necessário, deu para perceber, tanto é que em um ano lotou tudo aquilo ali. Já veio muito tarde, a verdade é essa... (L.).

Dona Lucinha critica a reforma do prédio por questão de segurança, no que ela tem plena razão. E elogia o atual diretor, Professor Clineu, especialmente pelo fato de ele enfrentar a vida da escola, e seus inevitáveis problemas, com serenidade e bom humor!

Mas Clineu tem também as suas reclamações, especialmente em relação à burocracia excessiva que não lhe permite maior inserção na dimensão pedagógica da escola, ou mesmo uma presença mais efetiva junto aos alunos:

... às vezes fica muito maçante, então você precisa desligar um pouquinho, eu gosto de sair um pouquinho na hora do recreio, de estar com as crianças, para brincar com as crianças, estar presente com elas para a merenda. O diretor de hoje... eu acho que é fundamental você estar presente de corpo e alma com os alunos. (C.).

Quando lhe perguntamos se ele considera haver uma aproximação ou um distanciamento entre os valores da escola e os valores da comunidade e, dentro disso, como essa escola trata o problema das drogas, Clineu assim se posicionou:

Olha, você está levantando um assunto muito sério, assunto que eu acho que hoje, em todas escolas, sempre há problema. Há três anos que eu estou aqui como diretor, eu nunca tive problema aqui dentro a respeito de droga... eu tive um ontem (dia 17/08/06). Eu tive um probleminha, pela primeira vez, em três anos aqui, um aluno desrespeitou. Nós sabemos que tem alunos problemáticos, tem

alunos traficantes, mas a comunidade sempre respeitou muito aqui dentro dessa escola, pelo fato de estarem os irmãos, os pais, os filhos, aqui dentro. Aqui nós temos o EJA, ensino de jovens e adultos, e muitos pais desses alunos estão aqui estudando. Então, eles sempre respeitaram a escola. Isso é muito importante para nós aqui dentro e eu sempre tive muito apoio de todo mundo, independente da pessoa, independente de qualquer um e eles sempre foram muito próximos conosco. É óbvio que tem alunos... mas, eles sempre respeitaram aqui dentro. Então, em três anos eu tive um problema só que foi resolvido, foi resolvido na base da conversa, na base do diálogo, chamei para conversar e eu tive a explicação, o aluno foi muito correto comigo, assumiu o que ele fez e se comprometeu a não fazer mais aqui dentro. (C.)

O Professor Clineu tem procurado enfrentar os problemas em geral e, especialmente, o referente às drogas, através do diálogo com os jovens e com os seus pais, além de outras providências que a escola toma, visando ao esclarecimento geral da comunidade nesse sentido. Ele afirma que a presença constante da comunidade é um fator de muita ajuda no enfrentamento dessa problemática:

... os pais são muito observadores, eles são muito presentes aqui dentro, em reuniões de pais isso é abordado, isso é conversado. Nós trazemos algumas palestras para orientar nossos alunos, porque não adianta você tapar os olhos dos alunos, essa é uma realidade hoje em dia... especialmente aqui no morro. Para quem não conhece, tem a imagem, principalmente as escolas de baixo, elas têm uma imagem muito deturpada daqui do morro, da escola, uma imagem muito ruim, e não é nada disso. Então, esses alunos, nós sabemos que temos esses problemas, mas eles respeitam. Nós tivemos muitos problemas aqui dentro, isso há alguns anos atrás antes de eu estar aqui, acho que há uns cinco anos atrás, realmente tinha alguns pontos de drogas aqui dentro da escola. Mas esse problema foi sanado desde que uma outra diretora passou por aqui e fez um bom trabalho: a professora Cleidi, ela fez um trabalho muito bom aqui dentro. Ela fez um trabalho muito bom e nós demos andamento ao trabalho dela aqui dentro. (C.)

O atual diretor reconhece e respeita o trabalho dos que o antecederam, especialmente da Professora Cleidi – já referida por ele anteriormente – que preocupou-se concretamente com a formação ético/moral dos alunos da escola. Nessa direção, Clineu afirmou que o mais importante é a responsabilidade do professor como pessoa, e o respeito que ele tem e manifesta pela comunidade e pelos alunos: *“Isso, independente de estar na direção, eu falo como pessoa e como ser humano”*. (C.)

Mas, ele também refere ter enfrentado outros “problemas” na escola:

Eu enfrentei muitos problemas aqui na escola, por exemplo, eu não tinha secretário, então eu tive que fazer toda essa parte de pagamento, essa parte de secretaria, para, de certa forma, amenizar os problemas que existiam e poder ajudar os funcionários e os professores. Eu tive muita ajuda dos professores também aqui dentro... eu tive muita força dos professores, de todo mundo. Isso para mim foi muito importante, porque eu cheguei a ponto de querer desistir, quantas e quantas vezes eu falei em reunião com os professores: “eu não tenho condições psicológicas e força para continuar a fazer esse trabalho”; e foram eles que me deram essa força, a própria comunidade chegou até mim e falou: “vamos trabalhar em conjunto, vamos trabalhar juntos, o que você precisar a gente está à disposição”. Então, eu passei por momentos muito difíceis aqui dentro e graças a Deus com o apoio de todos nós conseguimos fazer um trabalho acho que satisfatório. Só eu sei o que eu passei aqui dentro... (C.)

Para Clineu, portanto, o trabalho coletivo – envolvendo direção, professores, funcionários e a comunidade – é a solução para os problemas vividos na escola.

Falou, em seguida, das estratégias que vêm sendo desenvolvidas na EE João Octávio dos Santos, para estreitar os vínculos entre a escola e a comunidade:

...No fim de semana nós temos a escola da família, às vezes vêm alguns pais, alguns filhos e até, ao olharem para a escola, dizem: “nossa como ela era e como está!”.

A escola da família veio para trazer a comunidade um pouquinho mais para dentro da escola, oportunidade principalmente para nós, aqui do Morro do São Bento, porque os alunos e a própria comunidade não têm muito espaço físico, não digo só na parte esportiva, por causa da quadra, mas um espaço para outras atividades. Então, aqui nós temos a parte de padaria artesanal, nós temos uma brinquedoteca para as crianças, as meninas fazem curso de panificação, curso de bordados... Então isso trouxe para dentro da escola um pouquinho mais da comunidade, porque hoje eu vejo as mães aqui presentes nos fins de semana, não só os filhos nessa parte de jogos [...] e eu sinto a família aqui dentro, isso é muito importante. (C.)

Ao perguntarmos sobre a presença dos pais, na escola – e não apenas das mães – o diretor respondeu:

[Os pais] vêm com os filhos. E são pais, hoje, que estão me ajudando nessa parte de instruções com os alunos, são pais que jogam, que já jogaram e ajudam, juntamente com o professor de Educação Física, eles são voluntários aqui dentro e nos ajudam para conseguirmos trazer um pouquinho mais de enriquecimento para comunidade. (C.)

E complementa:

[...] se os pais ajudarem a desenvolver as novas habilidades, os novos comportamentos - e os pais aqui presentes ajudam nessa parte de formação, mesmo, que é a base. E aí a escola fica, então, com a sua função preciosa que é ensinar, ensinar novos conhecimentos... (C.)

É importante ressaltar que essa presença dos pais, membros da comunidade, dentro da escola, dá um reforço fundamental ao trabalho de educação dos alunos, que a escola tem obrigação social e moral de executar. Ao perguntarmos se essa atuação conjunta se expressa, também e principalmente, no sentido da formação de valores, quer dizer, se há uma conjugação entre a escola, os pais, a família, portanto, escola,/comunidade, para se trabalhar os valores com as crianças, o Professor Clineu assim respondeu:

É difícil, porque os pais estão muito distantes do cotidiano dos filhos, por estarem trabalhando e a necessidade financeira... Os alunos, eu sinto isso, os alunos estão sendo cuidados mais pelos avós... Então a escola está sendo obrigada a arcar com muita coisa, com a parte afetiva, essa parte moral. A escola só não está arcando com a parte financeira, mas do restante o professor está sendo psicólogo... É difícil... porque até se entende que a família tem que trabalhar, mas ao mesmo tempo se está deixando de lado essa parte de formação pessoal... (C.)

Sobre esse tema, é importante considerar que num passado até certo ponto próximo, a família constituía um núcleo de referência, de formação das crianças e jovens, com um tipo de atuação bastante diferente da família de hoje. Então, acreditamos que a família, hoje, é diferente porque a sociedade, atualmente, está diferente. Há toda uma conjuntura social, política, econômica, que interfere nas relações e nas formações sociais; só que a escola permaneceu a mesma! Quer dizer, a escola permaneceu com as mesmas obrigações, com as mesmas funções às quais se agregaram estas outras funções de formação de valores, de formação ético/moral que hoje a família não está dando conta, da forma como dava outrora. Então, isso parece ser um grande complicador da vida da escola. E é um complicador, também, para a vida do diretor de uma escola como a EE João Octávio dos Santos.

Sendo assim, estratégias como a escola da família, ou outras situações alternativas que possam trazer a família para dentro da escola, visando promover um diálogo, um trabalho conjugado, talvez apontem uma saída. Quem sabe sejam estratégias positivas, pois não vamos voltar mais àquela configuração da família de antes. Só que o peso está sendo muito grande para escola, porque os professores não dão conta dessa necessidade de suprir a ação da família – o que, em verdade, nem é mesmo algo concernente à função docente.

Segundo Clineu, a própria formação dos professores, nas universidades, não lhes dá uma bagagem adequada para o enfrentamento dessa realidade atual: “eles estão saindo desinformados da realidade da vida e, principalmente, de estar na prática, porque a teoria é muito bonita... mas a prática é muito difícil... (C.)

Em suma, o depoente finaliza a entrevista expressando sua visão do vínculo entre a escola que dirige e a comunidade local:

É a escola do povo, quer dizer... da comunidade e da família. A escola é da comunidade, como eu sempre falei. Nós aqui não somos nada sem a comunidade, a escola não anda, a escola não caminha, a escola pára. E quando você faz um trabalho conjunto com a comunidade você consegue desenvolver muito essa parte de afetividade, de moral, de respeito, que muitas vezes dentro de casa eles não têm e a escola consegue transmitir tudo isso através da família, dos professores, dos alunos. Isso eu acho importante, isso é um enriquecimento para todos nós. (C.) (Grifo nosso)

Para o atual diretor, Professor Clineu Parise Filho, a EE João Octávio dos Santos tem uma função nuclear dentro da Comunidade do Morro do São Bento, de cunho ético/moral, epistêmico, atitudinal mas, fundamentalmente: “de carinho!” (C.).

A Professora Lúcia Tamiko, quando lhe perguntamos qual o conceito que ela atribuiria à EE João Octávio dos Santos, ela assim nos respondeu: “Meu Deus do Céu é... eu acho que é **MEU AMOR MAIOR, MEU AMOR MAIOR...**” (L.).

Vemos, portanto, o quanto para esses diretores entrevistados a visão da escola, do trabalho ali realizado, de sua inserção na comunidade local, está permeada de afetividade, embora haja reconhecimento dos problemas concretos, das dificuldades enfrentadas, das situações a serem superadas. Sendo assim, se resta para ambos essa memória afetiva, pode-se presumir que a realização profissional – de ambos – deve ter sido mais efetivada do que impedida, pelas circunstâncias que eles enfrentaram, cada um no seu tempo histórico e com seu cabedal de possibilidades específicas.



EE João Antônio dos Santos - Foto atual

Nos textos (redações) dos alunos que atualmente freqüentam a escola – e que são, em sua maioria, membros da Comunidade do Morro do São Bento – foi possível perceber a crítica à escola, apontando o que é preciso melhorar nela:

- Poderia melhorar a parte física (pintura, por exemplo)
- Passagem livre para a quadra e para a biblioteca
- Consertar as fechaduras, os ventiladores
- Faltam: aulas de Informática e de Música, sala de vídeo
- Quadra coberta aberta sempre
- Faltam campeonatos esportivos

No entanto, os alunos fizeram muito mais elogios, do que críticas negativas, à escola, aos professores, ao staff administrativo, conforme já apresentamos e discutimos antes neste trabalho. E mesmo quando apontam o que ainda deve ser melhorado – tal como a disciplina, o comportamento, o respeito aos professores e funcionários, o combate aos preconceitos, ampliação do amor pela escola, por exemplo – estas questões os incluem, enquanto alunos e membros da comunidade, e parece que eles têm consciência disso..

Sendo assim, a partir das informações que coletamos e analisamos nesta pesquisa, parece haver um reconhecimento claro e explícito acerca do valor e importância da escola no sentido da formação dessas crianças, adolescentes e jovens que freqüentam a EE João Octávio dos Santos. E esse reconhecimento pode

ser generalizado, especialmente no que concerne ao Brasil, bem como a países com as características e circunstâncias semelhantes às nossas.

Do ponto de vista dos valores, vejamos a posição de uma das maiores autoridades cubanas em pesquisas axiológicas, Professora Doutora Esther Báxter Pérez (2001, p. 5):

Si bien la asimilación de valores y orientaciones de valor estables es característica de los adultos, en los niños, adolescentes y jóvenes se manifiestan aquellas que son producto de sus experiencias, de las influencias educativas, del hogar, de la escuela, de los diferentes factores con los que interactúa, de las condiciones en que se desenvuelve, del medio social en que se desarrolla.

Como é possível ver no posicionamento de Báxter acima citado, escola e comunidade têm mesmo uma grande função em termos da construção conjunta de valores – de todas as ordens, especialmente os valores intelectuais, sócio-culturais, ético-morais, bem como os da afetividade – junto às crianças, adolescentes e jovens que, sem dúvida são da responsabilidade de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o presente trabalho, retomamos o problema de pesquisa - O que faz dessa escola – EE João Octávio dos Santos – uma instituição educacional diferenciada, quando se percebe que ali se consegue manter os valores significativos para a formação do ser humano, dentro da cidade de Santos/SP? Como se estabeleceu e se estabelece a relação de construção de valores entre tal escola e a comunidade em que se situa? - e concluímos, com as seguintes reflexões:

Acerca de toda a análise feita, desde o início, ou seja, em relação à minha vivência como aluna de uma escola tradicionalista, nas raias da Ditadura Militar, passando pelo sonho de ser uma professora aos moldes dessa escola, adentrando a escola pública e, sem opção, chegar à EE João Octávio dos Santos, foi um caminho trilhado com grande sacrifício, mas que valeu a pena.

A realização deste estudo – que já vinha sendo fecundado em meus mais íntimos pensamentos, atingindo resultados tão primorosos – foi o ápice e, assim, pude assomar o imperativo categórico, ou melhor, compreender a fórmula kantiana da Lei Universal: “Aja sempre em conformidade com o princípio subjetivo, tal que, para você, ele deva ao mesmo tempo transformar-se em lei universal” (KANT *apud* WEFFORT, 2005, p.52).

Deve ficar muito claro que, no mundo em que vivemos, nem sempre as coisas correm conforme a proposição kantiana, e nem tudo são flores. O presente estudo aconteceu dentro de uma escola de periferia, como foi dito no início desta dissertação, com problemas como todas as outras. Subindo diariamente o morro,

pude testemunhar o esforço constante daquele povo para vencer os obstáculos; tomei parte na luta pela sua subsistência e pude comprovar a união e o esforço de todos por aquele que sofre. Conquanto existam medos, incertezas e dificuldades de toda ordem, o que faz esta escola ser diferente de todas as outras é a preocupação com a formação a partir de valores significativos.

Quando surgiu a oportunidade de fazer o mestrado e realizar um sonho tão antigo, optei por estudar a relação de construção de valores entre a comunidade e esta escola, onde estou já há onze anos, e que sempre me chamara atenção. O que eu não poderia imaginar seria o ganho desmedido que receberia em troca dessa empreitada.

É certo que se deixa para trás um caminho já trilhado, coisas já garantidas e projetos mapeados. Entretanto, toda escolha implica em perdas e ganhos e, muitas vezes, somos obrigados a desmoronar, romper, encarar e retornar para pegar impulso a fim de galgarmos o processo do conhecimento.

Antes de tudo, torna-se importante esclarecer que o perdurar de tais concepções deve-se – como já foi constatado através das análises feitas durante os capítulos deste trabalho – às raízes do povo maravilhoso que ali está e que, certamente, soube cultivar valores tão significativos em suas vidas.

Os depoimentos – carregados de emoção e de afetividade – tanto da Profa. Lucia Tamiko, primeira diretora, como do Prof. Clineu Parise Filho, diretor atual da EE João Octávio dos Santos, deixam claro que o processo iniciado pelos imigrantes, colonizadores do Morro do São Bento, está sendo continuado no presente e tem grandes perspectivas de ser ampliado no futuro.

O objetivo maior deste trabalho foi, portanto, o de mostrar que há inúmeras maneiras de se conduzir o processo da educação. Tudo o que foi aqui exposto diz respeito tão-somente a uma maneira de se fazer educação escolar de forma integrada à tradição, aos costumes, às aspirações e expectativas da comunidade onde a escola está inserida. Enfim, um exemplo de que nem tudo está perdido, pois com dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração, os educadores podem transformar o mundo.

Como afirma Silva (2000, p.107):

Não há, pois, “valor máximo”, mas sim a “maximização do homem”, enquanto sujeito do seu processo de existência, e, portanto, único determinador dos movimentos e direções da atividade axiológica – particular e pessoal.

Ou seja, a construção de valores parte, em primeira instância, da atividade pessoal, particular, dos indivíduos que valoram, ao atribuir significado a tudo o que os cerca, a todos os elementos que fazem parte de seu existir. No entanto, esse mesmo processo de construção de valores deve ser compreendido e assumido, por parte da escola, como uma tarefa progressista de “difusão de conteúdos vivos, concretos, indissociáveis das realidades sociais” (SILVA, 2000, p. 119).

Ao que tudo indica, isso é o que vem ocorrendo na realidade que nos dispusemos a investigar. Fica aqui a nossa sugestão de que outros profissionais da área continuem a desvendar os mistérios de suas escolas. Sem dúvida, trata-se de um belo trabalho, além de extremamente necessário.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **O discurso do Progresso: a evolução urbana de Santos 1870 – 1930**. Tese de Doutorado (História Social) – Universidade de São Paulo, 1989.

ANDRÉ, Marli E. D. Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ARAÚJO FILHO, José R. de. **Santos: o porto do café**. Rio de Janeiro: FIBGE. 1969.

BÁXTER PÉREZ, Esther. **La formación de valores: Una tarea pedagógica**. 2. reimp. Habana/CUBA, 2001.

CONCEIÇÃO, Júlio. **Monographia**. Santos, São Paulo, Brasil. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1908.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. São Paulo: Cortez, 2001

DOWBOR, Ladislau. A gestão social em busca de paradigmas. In: RAICHELIS, Raquel; RICO, Elizabeth de Mello. **GESTÃO SOCIAL: uma questão em debate**. São Paulo: EDUC, 1999.

DURKHEIM, Émile. Divisões da Sociologia: as Ciências Sociais Particulares. IN: **Sociologia**. São Paulo: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais. Vol. I, 1981, p. 41-62.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. SP: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO SEADE e GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, Secretaria de Economia e Planejamento. **Ontem, Vila de São Vicente. Hoje, Estado de São Paulo** – 500 anos de Divisão Territorial e 100 anos de Estatísticas Demográficas. CDRom, 2000.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Petrópolis: Vozes, 1972.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do mar**: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana. São Paulo: Artmed, 1998.

GOERGEN, Pedro. Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa? **Educação e Sociedade** – Ética, Educação & Sociedade: um debate contemporâneo. Ano XXII, nº 76, Outubro/2001 (a), p. 147-174.

GOERGEN, Pedro. **Pós-Modernidade, Ética e Educação**. Campinas/ SP: Autores Associados, 2001 (b).

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 3. ed. RJ: Civilização Brasileira, 1978.

HELLER, Ágnes. **Hipotesis para una Teoria Marxista de los valores**. Barcelona: Grijalbo, 1974.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LANNA, Ana Lucia Duarte. **Uma cidade na transição Santos: 1870 – 1913**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 2. ed. ampl. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos caminhos da educação popular**. São Paulo: Loyola, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

SEVERINO, A.J. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SILVA, S. A. I. **Valores em educação**: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa, 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Ouvir e contar a História**: Memórias da Escola Pública Paulista 1930-1950. Santos : Editora Universitária *Leopoldianum* , 2003.

VALLE, Lílian do. Ainda sobre a formação do cidadão: é possível ensinar a ética? **Educação e Sociedade** – Ética, Educação & Sociedade: um debate contemporâneo. Ano XXII, nº 76, Outubro/2001, p. 175-196.

WEBER, Max. A dominação. IN: CARDOSO, F. H. e MARTINS, C. E. **Política e Sociedade**. RJ: Nacional, 1983, p. 3-20

WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os Clássicos da Política. Vol. II**. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

WERNECK, Vera. **Educação e Sensibilidade**: um estudo sobre a teoria dos valores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

ELETRÔNICAS

DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA BAIXADA SANTISTA.

<http://www.investsantos.com.br/demografia/sanddemo.htm>. Acesso em 16/10/2006.

FUNDAÇÃO SEADE - <http://www.seade.gov.br>. Acesso em 24/10/2006

HISTÓRIAS E LENDAS DE SANTOS

www.novomilenio.inf.br/santos.htm. Acesso em 23 de outubro de 2006

INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª série e 5ª a 8ª série)

www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf. Acesso em 20/10/2006.

PORTO DE SANTOS - Marco de desenvolvimento e História da Cidade de Santos

http://www.vivasantos.com.br/04/04a.htm. Acesso em 14 de novembro de 2006

PROJETO: “CONHECENDO SANTOS - SUA HISTÓRIA E GEOGRAFIA”.

http://www.santos.sp.gov.br/educacao/senute/projetos/historia. Acesso em 30/10/2006

ANEXOS